

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

Lais Rezende Bello

Leandro Querino Leiva

BELLO:

Sua história e influência através da charge

Juiz de Fora

Fevereiro de 2016

Lais Rezende Bello
Leandro Querino Leiva

BELLO:

Sua história e influência através da charge

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel

Orientador: Prof. Ms. Eduardo Sérgio Leão de Souza

Juiz de Fora

Fevereiro de 2016

Lais Rezende Bello
Leandro Querino Leiva

BELLO:

Sua história e influência através da charge

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel

Orientador: Prof. Ms. Eduardo Sérgio Leão de Souza (FACOM/UFJF)

Aprovado(a) pela banca composta pelos seguintes membros:

Professor Mestre Eduardo Sérgio Leão de Souza (UFJF) - Orientador

Professor Mestre Ricardo Bedendo (UFJF) – Convidado

Professor Dr. Nilson Assunção Alvarenga (UFJF) – Convidado

Conceito obtido: () aprovado(a) () reprovado(a).

Observação da banca:

_____.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 2016

Dedicamos este trabalho principalmente à memória de Bello, pela
brilhante trajetória de vida que tivemos a honra de conhecer e narrar.

RESUMO

Este trabalho pauta-se na produção de um documentário sobre a vida e a carreira do chargista Bello, mostrando suas influências na comunicação através de seus desenhos bem humorados, levando-se em conta a proposta enviada pela mensagem até a efetiva compreensão desta pelo receptor. Para que seja, de fato, elaborada com sucesso, esta produção só poderá ser cumprida se levantadas as condições de produção das charges, entendendo a relação entre discurso, mídia, política e humor, em especial os conceitos de derrisão e polifonia. Além disso, foi discutida as principais definições sobre o documentário, mostrando como se deu seu desenvolvimento ao longo do tempo, as técnicas de formulação e a utilização dos relatos das fontes. Neste contexto é possível também observar as relações entre memória e sociedade. Através da utilização de todos estes mecanismos, o trabalho servirá como fonte física de relatos orais de pessoas que tiveram contato intenso com o personagem estudado, uma referência de humor e crônica política de Juiz de Fora. Entendemos que pesquisas dessa natureza podem, através da rememoração dos fatos e dos discursos, materializados em palavras ou imagens, contribuir para a constituição de um novo olhar da sociedade.

Palavras-chaves: Documentário, biografia, Bello, humor, charge

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 O HUMOR E A CHARGE	9
2.1 O QUE É CHARGE	9
2.1.1 Charge na comunicação.....	12
2.1.2 A imagem como elemento visual da informação	14
3 SOBRE O DOCUMENTÁRIO	17
4 MEMÓRIA COMO INSTRUMENTO DE PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA.....	21
5 BIOGRAFIA COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL	25
6 DESENHANDO BELLO	29
6.1 BELLO, ENTRE OUTRAS QUALIDADES	29
6.2 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL	31
6.3 PRINCIPAIS TRABALHOS E PERSONAGENS.....	35
6.4 OUTRAS VERTENTES.....	36
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

Percebe-se hoje muitos meios para que haja a transmissão de informações, pertinentes em discursos populares, voltados para a crítica social e protestos contra atitudes e medidas governamentais no país. Uma das formas de se criticar é utilizando argumentos persuasivos e lógicos que possam convencer o leitor, podendo ser através da sátira e da ironia, como método para chamar a atenção. Explorando o riso e o sarcasmo, são criadas conexões que buscam convencer a aderir às ideias do discurso.

No caso das charges, cujo principal representante em Juiz de Fora durante 25 anos foi Bello, o que pode ser percebido é que o registro documental dos fatos é mais a exposição de um ponto de vista, crítico e bem humorado a respeito deles. Sendo assim, embora não intencionalmente temos a ambição de discutir questões ligadas diretamente à ciência política, alguns elementos aqui abordados podem, eventualmente, interessar a estudantes dessa área.

Ao assumirmos essa tarefa, buscamos também destacar as formas pelas quais a charge não só reproduz, mas interfere na interpretação dos fatos da realidade. Almejamos, por fim, contribuir para uma análise da trajetória de um caricaturista com tanta expressão e qualidades como Bello, pois resgatando importantes informações sobre o chargista, foi também possível resgatar parte da memória da imprensa de Juiz de Fora.

Em termos metodológicos, a análise a que nos propomos, precedida de uma revisão da literatura, constatou em um material prático que foi pensado no diálogo entre as teorias que embasaram nossos estudos.

Nessa perspectiva, organizamos nosso trabalho em seis partes. Na primeira, analisamos a relação do humor com a charge e seu real objetivo na comunicação, considerando, claro, sua intenção de ir muito além do “fazer rir”. Procuramos definir também duas disposições que se assemelham em vários aspectos, mas distingue-se quando analisadas com mais precisão: a charge e a caricatura. Conceitos como intertextualidade, derrisão e polifonia também foram discutidos nesta etapa, o que culminou na reflexão sobre o papel didático da imagem

Em um segundo momento, ponderamos sobre a formulação do documentário, suas principais características e seu objetivo na transmissão da mensagem. Verificando as diferentes vertentes quando à neutralidade do documentário, exploramos a (im)parcialidade deste tipo de produção fílmica.

No terceiro instante, entendemos sobre a importância da capacidade humana de reter a memória para a construção da história de uma pessoa, um povo ou uma nação. Através

de referências bibliográficas, pesquisamos como se dá o processo de memorização e de que forma a memória coletiva influencia na memória individual, ao mesmo tempo em que por ela é influenciada.

Posteriormente, revisamos sobre a função social da biografia como instrumento de identificação, detectando as intencionalidades deste estilo de produção. Reconhecendo as construções biográficas como conteúdos educacionais, buscamos limitar as características e cuidados no momento em que se entra na intimidade de alguém para descrever sobre sua vida.

Por fim, traçamos o perfil do chargista Bello, levando em conta o grande acervo deixado pelo artista e sua popularidade alcançada em Juiz de Fora. Para isso, foi feito um minucioso trabalho de pesquisa com a colaboração de familiares, amigos e profissionais que, relatando suas experiências, desenharam não só a trajetória de um gênio tão imprevisível quanto Bello, mas também permitiram a criação de um legado para a cidade.

2 O HUMOR E A CHARGE

Humorismo é a arte de fazer cócegas no raciocínio dos outros. Há duas espécies de humorismo: o trágico e o cômico. O trágico é o que não consegue fazer rir; o cômico é o que é verdadeiramente trágico para se fazer. A graça é o único momento sério e, sobretudo sincero da nossa quotidiana mentira. O chiste é a arte de virar no avesso, repentinamente, o manto da aparência para por à mostra o forro da verdade. (ELIACHAR, 1963, p.15)

Em primeiro plano, partindo logo ao estudo da evolução do humor crítico na comunicação ao longo da história, a referência utilizada será a análise do discurso elaborado por Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), enfatizando o riso como reprovação do vício. Em outros termos, é o desprezo por aqueles que possuem comportamentos ridículos. Por outro lado, é também interessante observar que as reflexões filosóficas a respeito do riso não somente revelam-nos certa recorrência a um momento íntimo do homem ou a sua própria anatomia, mas também outras preocupações frequentes, como o julgamento ético-moral.

Silva (2008) afirma que “o homem é o único capaz de, intencionalmente, produzir o riso. Ele também é o único capaz de rir de si mesmo, num processo puramente metacognitivo ou, em outras palavras, reflexivo.” (SILVA, 2008, p.56)

2.1 O QUE É CHARGE

Engana-se quem imagina que a charge é apenas uma piada gráfica que utiliza a linguagem visual em sua construção. A charge tem o poder de condensar várias informações, inclusive procedentes de contextos extremamente diferentes, num processo de intertextualidade que ocorre na linguagem verbal ou mesmo nas imagens. Tem como característica essencial a crítica desvelada ao poder e sua leitura potencializa um momento de reflexão sobre o cotidiano. Com relação íntima aos fatos atuais, no geral aborda as notícias mais importantes do dia anterior à sua publicação, exagerando no que diz e ampliando e carreando as características dos fatos e pessoas retratas. Em suma, é a representação gráfica de um assunto conhecido dos leitores segundo a visão crítica do desenhista ou do jornal.

Nos meios de comunicação, o uso das charges esteve sempre vinculado à realização de algum tipo de reflexão sobre os acontecimentos do dia-a-dia. Tendo grande espaço dentro dos jornais diários, as charges parecem ter se transformado em grandes ícones que relatam o cotidiano por meio da expressividade das imagens e o uso de um texto curto e sugestivo. Contudo, esse “narrador do agora” também pode ser um importante instrumento de reflexão do passado.

Romualdo (2000) explica que a charge é uma modalidade de manifestação comunicativa condensadora de múltiplas informações e, por ser uma imagem, é de rápida interpretação. O poder de comunicação da charge é direto, sua compreensão é rápida e, em decorrência disso, tem maior penetração nas massas, por conta de sua linguagem gráfica. Há uma distinção no texto da charge dos demais textos opinativos, porque ele faz sua crítica utilizando-se de uma argumentação cômica. Em se tratando de estilo, na charge, devido a uma escassez de espaço, a produção escrita é breve e a linguagem marcada pela informalidade. O gênero charge mistura, geralmente, de forma harmoniosa as duas linguagens, a verbal e a não-verbal, constituindo efeitos que oscilam entre o já-dito e o não-dito.

O autor ainda expõe que outro aspecto importante é a representação de um mundo às avessas, marcando o real muitas vezes não observado, contudo, vivenciado por meio da inversão de valores sociais. Tal representação ironiza desse fato oculto, proporcionando ao leitor uma visão crítica da realidade. Em outras palavras, o artista precisa apropriar-se dos textos jornalísticos de forma criativa e propiciar uma leitura diferenciada e próxima da que ocorre com um texto literário.

Frente a variedade de assuntos diários, na rotina jornalística, apesar do interesse em veicular algumas matérias, é preciso selecionar o que vai ser produzido no dia, seja pelo grau de importância, relevância ou identificação com o público. Isso posto, os critérios de noticiabilidade são acionados com a intenção de despertar o interesse do leitor. Grudzinski(2007) aponta que a charge passa pelo mesmo processo de construção da notícia, a apuração dos fatos, o ineditismo, identificação social, atualidade, entre outros. O chargista pode versar sobre qualquer tema, de esporte à economia, desde que trabalhe todos os elementos elencados anteriormente. Pode também trabalhar assuntos de repercussão local e/ou nacional. Para Raslan (2013), por usar recorrentemente figuras públicas nas ilustrações, exercem influência em vários campos, permitindo a aproximação dos leitores do universo dos representados.

No campo das avaliações empíricas, alguns itens são consideráveis como: A proximidade – O raciocínio é de que o homem se interessa principalmente pelo que está próximo; a atualidade - O homem de interessa principalmente pelos fatos mais próximos no tempo; a identificação social – Admite-se que a identificação social processa-se de baixo para cima da pirâmide que costuma representar sociedades divididas em classes. O que determinará a identificação não é uma situação real na escala da sociedade, porém projeções ideais desta situação, sim; a intensidade – Considera-se que, admitindo dois eventos equivalentes, é mais notável o que tem maior intensidade aferida em números. (...) O ineditismo – A raridade de um acontecimento é fator essencial para o interesse que desperta. (...) A identificação humana – Tal especificidade é atingida quando um grande atleta ou uma cantora notável passa a despertar interesse mesmo entre os que não apreciam esporte e canto. (GRUDZINSKI, 2007, p.5).

Segundo Beltrão (1980), procura-se o humor pela semelhança do desenho com o representado, com alguma característica destacada pelo exagero, um traço marcante do representante. Enquanto o artista normal busca na beleza inspiração, o chargista busca a deformidade. Expressando como a alma da pessoa se expressaria em seu corpo, o autor afirma que a caricatura é mais parecida com o indivíduo do que ele mesmo. Nesse passo, o chargista promove uma reinterpretação satírica do retratado.

Para que a charge tenha qualidade, segundo Raslan (2013), é preciso que o fato que a desencadeia esteja em desenvolvimento e aliado a ele deve estar o cômico, já que o desenrolar dos acontecimentos pode dissipar a graça do assunto. O que equivaleria no jornalismo a publicação de uma notícia sobre um acontecimento social que já eclodiu, sem qualquer tipo de atualização ou abordando um ângulo diferente.

A charge e a caricatura possuem muitos aspectos em comum, tanto que por muito tempo elas foram definidas como sinônimos. Apesar de ambas serem categorias do humor gráfico, cada uma possui suas especificidades. A charge é caracterizada pelo aspecto temporal e crítico e tem o humor por elemento. Ela também tem uma carga de agressividade em sua essência, despertando a consciência crítica no leitor, incorporando o humor como linguagem que produz uma verdade cujo sentido está fora da realidade e além da razão.

É pelo humor que uma charge ganha ares de transgressão ao estabelecer uma contradição entre o personagem e a situação real que é retratada, pois a ilustração apresenta uma (im)possibilidade do fato (utilizando-se de elementos intertextuais ou pertencentes ao universo do receptor para permitir a sua compreensão) e jamais se configura como uma mera reprodução das circunstâncias do ocorrido; sendo assim, o humor funciona como uma forma bastante consistente de crítica social” (MIANI, 2005, p. 30)

Ainda com relação às charges, Beltrão (1980) complementa sobre o curto prazo de duração deste tipo de desenho, pois uma vez que estão reféns da atualidade e da novidade, são produtos perecíveis.

As manifestações das sátiras no jornalismo são mais efêmeras do que no livro, uma vez que, neste, em geral, o objeto é um personagem, em toda a sua inteireza ou situação histórica e, portanto, documentada para a posteridade; no jornal, porém, as ocorrências satirizadas se registram como sob areias movediças, são episódicas, resultam de rápidas mutações e da transitoriedade de fatos que não chegam a uma cristalização definitiva. (BELTRÃO, 1980, p.81)

A caricatura, por sua vez, vem do italiano “caricare”, que significa carregar. Assim, a caricatura prioriza a distorção anatômica, revelando traços da personalidade do retratado. Ela não visa propriamente a crítica, mas o exagero na retratação de algo, podendo causar o riso ou não. Como define Beltrão (1980), a caricatura se assemelha

à charada a medida que ambas precisam associar suas alusões e associações. “No humor o assunto é conhecido e o processo é desconhecido; nas charadas, o processo é conhecido e o assunto deve ser descoberto” (BELTRÃO, 1980, p.82).

“A caricatura, incontestavelmente, possibilita verdadeira incursão no procedimento moral, físico, e mental dos caricaturados, sendo o mais perfeito, minucioso e indelével relatório do caráter da sociedade em qualquer tempo” (BELTRÃO, 1980, p. 84). A charge não se detém diante das autoridades, se dedica a função de corrigir os costumes expondo a ferida daqueles que possuem o poder. E ao mesmo tempo em que desmascara e mostra o que é feito de errado, também coloca em evidência a figura do político, enquanto é temida e odiada por algumas figuras públicas, é desejada por outras por conta da visibilidade que alcança.

A verdade é que a caricatura ou charge pode ir muito além da simples representação de algum fato ou personagem, pois pode revelar, denunciar, aos olhos do desenhista, toda uma estrutura de dominação. Há, portanto, dois lados da caricatura política: pode atacar ou defender um personagem, uma ideologia, o poder em si. “O certo é que a caricatura política ou social raramente pode levar ao riso despreocupado, como acontece com o desenho humorístico” (GAWRYSZEWSKI, 2008, p.26).

Sobre o processo de criação da charge, Henfil (1984) afirma que não existe uma fórmula a ser utilizada pelo chargista para fazer o humor político. “Você pode aumentar a sua sensibilidade. E obviamente o seu humor vai ser mais sensível. Mas o filtro é você. É o que você já é” (HENFIL, 1984, p.31). Raslan (2013) também salienta a relação real-fictício na charge, ao passo que o assunto de referência é real, mas a situação explorada na ilustração, na maioria das vezes, aborda a ficção. O real, nas charges é reconfigurado intencionalmente para sofrer distorções e exageros.

2.1.1 Charge na comunicação

A leitura de um texto composto por imagens necessita de um conhecimento mais aprofundado do leitor sobre o tema abordado, por consequência da duplicidade de sentido e dos implícitos presentes na charge. A percepção de um leitor ingênuo se restringe apenas ao cômico, não atingindo o objetivo do chargista, que é a crítica por meio do humor. Desta forma, salienta-se que charge discute questões sociais e políticas que são exploradas observando os recursos linguísticos, discursivos e gráfico-visuais.

Romualdo (2000) explica que nos casos em que as relações intertextuais se dão com textos que não estão no jornal, cabe ao leitor fazer a recuperação desses intertextos para inteirar-se mais profundamente da mensagem transmitido pelo texto chargístico.

Neste sentido, vale salientar que todo discurso é marcado por suas condições sócio-históricas de produção, bem como pelos sujeitos que nessas condições atuam. Assim, os discursos verbos-visuais não fogem desta prerrogativa. Benites (2010) assegura que:

Deste modo, também para a imagem não há um sentido a priori, nem se pode pensar em um estatuto de neutralidade para os elementos visuais. Eles refletem as condições próprias de um sujeito que procura significar/interpretar a si e o mundo, a partir de um código diferente da escrita, mas igualmente sujeito a deslizes e equívocos. (BENITES, 2010, p. 153)

Dois características são fundamentais nas charges: a polifonia e a derrisão. A derrisão é o fenômeno que, conforme Bonnafous (2003) consiste na “associação do humor e da agressão que a caracteriza e a distingue, em princípio da pura injúria” (BONNAFOUS, 2003, p.35). Ou seja, critica, ofende, denuncia, ao mesmo tempo em que faz rir. Por sua vez, Baronas (2005) define como “uma espécie de ‘amabilidade verbal’ violenta que por produzir o riso foge das sanções negativas da legislação e, principalmente da opinião pública” (BARONAS, 2005, p. 33). O riso pode ser útil e tolerado pelos detentores do poder, já que possui a característica de amenizar a crítica.

Por meio da derrisão, o chargista instaura um procedimento discursivo que, de certa forma, serve como catarse para o grande público. Isto é, ocorre uma transferência, para o personagem da charge, que, ao ser ridicularizado, agredido pelo humor, acaba suprimindo o desejo da população em manifestar o seu desapontamento com relação ao político que está sendo alvo da mesma. Ao mesmo tempo, quando trabalhado nos limites da ética, o procedimento derrisório acaba por eximir o chargista das implicações jurídicas relativas aos crimes de calúnia ou difamação.

Já polifonia, utilizada metaforicamente por Bakhtin(1981) na análise da obra de Dostoiévski, tem como principal propriedade a diversidade de vozes no interior de um texto. Ou seja, o espectador interpreta o conteúdo da mensagem com o ponto de vista, voz e postura pessoais, de acordo com o contexto em que estão inseridos. Pela definição de Romualdo (2000), as compreensões “não se tornam monoplanares, pois elas não têm a intenção de promover uma única leitura, não abafam as várias visões em uma única. Sua força está justamente na ambivalência, na pluralidade de visões que apresentam para o leitor” (ROMUALDO 2000, p.20). Quando sai da obviedade, a charge abre uma vasta possibilidade de diálogo entre palavras, imagens e imaginação.

A feitura da charge envolve um outro tipo de intertextualidade ao relacionar textos que não têm necessariamente uma relação direta com o fato jornalístico abordado, mas podem ser associados pelo viés do humor que encontra semelhanças em situações diferentes. Silva (2008) lembra que é comum a utilização de textos literários, ditados populares, letras de músicas, filmes, lendas e personagens dos quadrinhos, novelas ou históricos que são apropriados de forma a provocar o riso dos leitores pelas associações inusitadas, apesar de lógicas. Em um primeiro momento é preciso identificar e relacionar os elementos que constituem a ilustração, para em seguida buscar os textos com as quais dialogam. Esses textos, quando não estão presentes na própria charge, fazem parte, geralmente, do noticiário do próprio veículo ou do repertório de informações do leitor.

Além disso, o autor acredita que o artista procura articular os componentes das charges de modo a fornecer pistas que viabilizem a participação efetiva do leitor, o que torna esses textos contribuintes valiosos para formação de receptores perspicazes. Utilizando desta característica, o chargista afunila a relação de identidade com o leitor/espectador, pois, colocando-se como produtor da charge no mesmo lugar de um indivíduo comum, semelhante ao seu interlocutor, é como se a “vingança” da população se desse de forma mais plena. Percebe-se então que o leitor, longe de ser um mero receptor passivo, participa e elabora a decodificação do texto, dialogando com ele e confrontando-o com seu conhecimento e leitura do mundo. Problematizando valores como ética e cidadania, a charge contribui para maturidade e consciência política, provocando uma reflexão sobre o mundo e as relações sociais das quais seus receptores participam.

2.1.2 A imagem como elemento visual da informação

De acordo com Arbach (2007), a palavra ilustração é, ainda hoje, categorizada como complemento visual do texto. O relacionamento do escrito com a ilustração é mais que um diálogo complementar entre duas linguagens. Com o passar dos anos a ilustração evoluiu e ganhou autonomia, até tornar-se informação visual com consciência crítica e atuação editorial. Como o texto, a ilustração por si só é possuidora de linguagem com discurso próprio.

A charge está longe de ser um texto de fácil leitura por ser “engraçado” ou por conter figuras, porém, por meio da imagem de rápida compreensão, a charge jornalística atrai a atenção do leitor, pois este gênero tem o poder de conduzir diversas informações de maneira concisa, provocando, através do humor crítico, levar o leitor a refletir sobre a atualidade

sócio-político-econômica do país.

A Charge é um tipo de texto que atrai o leitor, pois, enquanto imagem é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada. Além da facilidade de leitura, o texto chágico diferencia-se dos demais gêneros opinativos por fazer sua crítica usando constantemente o humor.(ROMUALDO, 2000, p.5)

Este desenho humorístico não se restringe a reproduzir o texto verbal de maneira visual ou apenas ilustrar uma notícia. As charges em geral possuem conteúdo próprio, porém os componentes textuais auxiliam na compreensão do receptor, para que seja entendido claramente o objeto proposto pela imagem. A relação texto-imagem se dá de maneira assimétrica, com participações diferenciadas destes códigos. Como definido por Arbach (2007), “O material a ser utilizado pelo ilustrador não está diretamente nas palavras, mas no espaço entre elas. É nesse espaço vazio, indefinido, nesta área crepuscular entre uma palavra e outra que se localiza a ilustração” (ARBACH, 2007, p.26). Algumas vezes, a imagem dá conta de todo o texto e qualquer informação verbal torna-se supérflua e redundante.

Da habilidade do artista em dosar as informações verbais e imagéticas depende a qualidade de sua obra. Se ele for muito econômico, se ocultar demais as pistas, produzirá um texto hermético, praticamente inacessível ou que leve o leitor a um exercício de adivinhação. Por outro lado, o excesso de informações sugere uma subvalorização da capacidade do leitor. (SILVA, 2008, p.28)

É neste sentido que destaca-se o papel didático da imagem, a função de formar uma consciência crítica no leitor, que não é mais receptor passivo da mensagem passada, mas é incentivado a interpretar a ideia proposta, a pensar sobre o assunto e a concordar com aquela ideologia ou não. Por isso, as charges e caricaturas buscam muito mais do que simplesmente fazer rir. Seu objetivo é inculcar no espectador sua reflexão e seus valores, transmitidos pelo desenhista. Nesse sentido, o chargista promove uma leitura que integra a imagem, o texto e o contexto, reunindo significantes que vão muito além da imagem, mas esses elementos precisam estar dispostos para a compreensão do leitor.

As imagens podem ser tomadas como signos capazes de influenciar o pensamento e a sensibilidade das pessoas. Utilizando-se de outros códigos que não sejam a palavra, como a cor, a forma, o movimento, a organização, o texto sem palavras é mais democrático e abrangente, pois qualquer pessoa é capaz de entender essas mensagens. Evidentemente, existem graus de leitura e compreensão diferentes, mas não pode-se dizer, por exemplo, que um analfabeto não tenha condição de fazê-lo. A leitura ocorre por certa decodificação. O texto através de imagem consegue transmitir uma mensagem ou dizer algo sem palavras, basta que o leitor esteja apto para analisar e interpretar este tipo de texto.

3 SOBRE O DOCUMENTÁRIO

Instrumentos de preservação de uma identidade social seja ela individual ou coletiva, os documentários foram, ao longo dos tempos sofrendo mutações em suas características. Zandonade e Fagundes (2003) indicam o documentário como um gênero audiovisual utilizado como forma de expressão da sociedade e registro dos acontecimentos, desde o início do século XIX. Com a invenção do cinema, alguns autores utilizavam os recursos do documentário para suas produções cinematográficas, antes mesmo que sua denominação fosse configurada como é atualmente. Essa equivalência acontecia pois o cinema se assemelha nas funções e características adotadas no gênero, apesar de se distinguir do vídeo documentário enquanto público e produção.

Bill Nichols(2010) levanta a argumentação de que “Todo filme é um documentário”, pois considerando apenas a capacidade básica da câmera, não há distinção entre o documentário e a ficção, uma vez que a câmera possibilita o registro de qualquer evento, independentemente dele ser fictício ou não. Seguindo a linha de raciocínio do autor, os verbos “documentar” e “registrar” aparecem como sinônimos. Daí a afirmação de que todos os filmes são documentais, já que as imagens foram captadas com o uso da câmera. Porém, Fernão Ramos (2008) diferencia a intenção do autor de uma ficção, afirmando que seu intuito é unicamente a de entreter o espectador, ao passo que a intenção do autor de um documentário é a de fazer asserções sobre o mundo, ou seja, marcar posição frente a uma questão e não apenas divertir o espectador.

Segundo Penafria (2000):

O impulso em registrar o mundo é essencial para o documentário e, concretamente, para o documentarista. A câmera de filmar sai do estúdio e vai de encontro ao mundo. As imagens, o principal material do filme, são recolhidas *in loco*. Os atores são as próprias pessoas, sendo, portanto, atores naturais, e o cenário é o próprio meio ambiente em que vivem. (PENAFRIA, 2000, p.16)

Alguns fatores presentes no documentário facilitam a compreensão dos espectadores, como a linguagem mais aprofundada e o maior tempo disponibilizado para a sua produção e exibição. Deixar subentendido que os documentários têm acesso direto e verdadeiro ao real, funciona como um dos principais atrativos do gênero. Por lidar com imagens, esta produção fílmica garante para si grande credibilidade. Muito mais do que um documento escrito sobre um fato, que pressupõe a interpretação daquele que o escreveu, o documentário se aproxima, ou parece se aproximar, da realidade por sugerir uma relação direta entre espectador e acontecimento. A única mediação existente aí seria realizada pela

câmera, instrumento mecânico, ou seja, sem opiniões ou subjetividades para “contaminar” o registro do real.

Nos documentários, encontramos histórias ou argumentos, evocações ou descrições, que nos permitem ver o mundo de uma nova maneira. A capacidade da imagem fotográfica de reproduzir a aparência do que está diante da câmera compele-nos a acreditar que a imagem seja a própria realidade representada diante de nós, ao mesmo tempo em que a história, ou o argumento, apresenta uma nova maneira distinta de observar essa realidade. (NICHOLS,2010,p.28)

Rogério Luz (2002) recorre à noção de experiência ilusória para afirmar que a atividade de um espectador ao assistir a um filme não pode ser reduzida apenas ao fantasiar. Busca dar ao filme o estatuto de operador de subjetivação, sendo que determinada história pode dar a quem assiste a possibilidade de fazer relações entre o material fílmico e a realidade de determinado sujeito. Deste modo, esse tipo de interação dá ao receptor a chance de, através do documentário, obter reflexões sobre si e sua realidade.

Para Vilas Boas (2002), esse tipo de material busca recuperar, a partir da história de determinado indivíduo, a história do espaço e da sociedade que este personagem estava inserido. Para o autor, no início do século XX, o conceito de memória era remetido à imaterialidade, à mente. Com o passar das décadas, esse conceito foi se transformando e diversos outros tipos de elementos começaram a ser relacionados à memória, como o estudo dos bens materiais, a preservação arquitetônica de imóveis com valores históricos e, principalmente, a memória coletiva. Assim, podemos dizer que o vídeo documentário se caracteriza por apresentar determinado acontecimento ou fato, mostrando a realidade de maneira mais ampla e pela sua extensão interpretativa.

A discussão sobre a impossibilidade de uma neutralidade inerente ao documento histórico está presente no estudo da documentação. Seu comprometimento com a verdade é praticamente implícito, garantindo-lhe o estatuto de “documento histórico neutro”. Mas no que tange a esta parcialidade do documentário, existem duas opiniões contraditórias. Segundo DocComparato (2000):

O documentário tem de ser, acima de tudo, imparcial; deve tentar informar sobre um acontecimento baseando-se apenas nos fatos. O documentário, tal como os materiais para os programas informativos, tem a finalidade de reproduzir um fato tal como e, evitando interpretações subjetivas e pontos de vista puramente pessoais, embora também exista a possibilidade de escrever um documentário de um ponto de vista pessoal, indicando que assim foi feito. Um bom documentário nunca se acaba, jamais encerra um tema. (DOC COMPARATO, 2000, p.341)

Porém, o autor do documentário não é apenas o transmissor da mensagem. Como define Penafria (2001), no momento em que o documentarista se propõe a realizar um trabalho dessa natureza, ele já está interferindo na realidade daquilo que deseja abordar, visto

que possui um ponto de vista e que faz uma minuciosa seleção do que irá ser mostrado, sendo impossível uma isenção total de sua parte.

Ele é um sujeito que interage com os outros, inegavelmente. O fim último é apresentar um ponto de vista sobre o mundo e, o mais das vezes, mostrar o que sempre esteve presente naquilo para onde olhamos mas que nunca vimos. O documentário tem por função revelar-nos (aos intervenientes e aos espectadores) o mundo em que vivemos. Acima de tudo, um documentário transmite-nos não a realidade (mesmo nos louváveis esforços em transmitir a realidade "tal qual") mas, essencialmente, o relacionamento que o documentarista estabeleceu com os intervenientes. (PENAFRIA, 2001, p.07)

Para exemplificar este fenômeno, basta observarmos a proximidade estabelecida entre documentário e o discurso jornalístico. Constantemente utilizado no telejornalismo e em programas de grandes reportagens, o documentário tem aí a função de confirmar a fala do repórter, de ilustrar o que já foi afirmado por uma narração em *off*. O documentário, então, acumula para si as qualidades conferidas ao relato jornalístico.

Investindo nas relações entre produção de imagem e processos de subjetivação, Luz (2002) reforça que o mundo e subjetividade são pólos gerados no elemento da imagem, o qual lhes é, portanto, anterior e exterior. É nesse elemento que, primeiramente, sujeito e mundo se diferenciam.

Fernão (2008) afirma que durante muito tempo o conceito de documentário era limitado à forma clássica desse tipo de filme, ou seja, um filme marcado pela presença da voz *over* cuja fonte estava fora de campo e que tudo sabia a respeito do que era exibido na tela. Isso era recorrente já que recursos documentais como o uso de câmeras portáteis, não-atores, filmagens externas, improvisação, imagens de arquivos, voz de Deus e legendas superpostas à imagem também são correntes na ficção. Contudo, de acordo com o autor, foi apenas nos anos 1990 que filmes de tonalidade mais direta finalmente ganharam o status de documentário. Existem normas e convenções, denominadas “corpus dos textos”, que entram em ação para ajudar a defini-los: o uso do comentário em voz *off*, as entrevistas, depoimentos, imagens manipuladas, atuação mais ativa por parte do cineasta no momento da filmagem, a gravação do som direto, os cortes para introduzir imagens que ilustrem ou compliquem a situação mostrada em cena e o uso de atores sociais, que em tese têm a particularidade de fazerem o que habitualmente fariam se a câmera não estivesse presente. E como não poderia faltar, a definição dada pelo público, que identifica um filme como documentário quando o som e a imagem correspondem à aparência do mundo em que vivemos.

Podemos afirmar que o documentário é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é

exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa. Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. (RAMOS, 2009, p. 25.)

Em síntese, os documentários buscam construir e/ou encontrar seus personagens, Tateando seus rastros no tempo e lugares por onde suas presenças deixaram marcas ou não, o que motiva um documentarista a acionar determinadas imagens de arquivo e reconhecer nelas um manancial substantivo. Com isso, este tipo de material acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social, buscando-se, assim, a ideia de presentificação. Sua interpretação é uma questão de compreender como a forma ou a organização do filme transmite significados e valores.

4 MEMÓRIA COMO INSTRUMENTO DE PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA

A Memória, no sentido primeiro da expressão, é a presença do passado. Quando se fala em memória, o senso comum remete à ideia de algo particular de uma pessoa. Contudo, estudiosos começaram a pensar em uma dimensão da memória que ultrapassa o plano individual, considerando que as memórias de um indivíduo nunca são só suas e que nenhuma lembrança pode existir afastada da sociedade.

Este conceito, então, foi entendido como a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos etc.), podendo ser guardada por um indivíduo e se referir às suas próprias vivências e experiências (memória individual), ou pode conter também aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, isto é, no qual esse indivíduo foi socializado, estando comum a um grupo social ou a uma coletividade (memória coletiva). Embora sejam os indivíduos que lembram, no sentido literal da expressão, segundo Halbwachs (2006), são os grupos sociais que determinam o que é “memorável” e os lugares onde essa memória será preservada.

A memória individual de uma pessoa é bastante influenciada pela memória coletiva. Uma lembrança de uma realidade é mais facilmente codificada quando está mais presente no consciente de uma coletividade. Isso ocorre porque todo indivíduo está inserido num contexto familiar, social e nacional.

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. (POLLACK, 1992, p. 2)

Em complemento, Halbwachs (2006), acrescenta que não será possível ao indivíduo o processo de memorização de um grupo com o qual suas lembranças não se identificam.

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39)

A história e a memória passaram a se revelar cada vez mais complexas. Lembrar o passado e escrever sobre ele não se apresentam como as atividades inocentes. Tanto as

histórias quanto as memórias não mais parecem ser objetivas. Isso se dá vez uma vez que entendemos que a memória é seletiva e que nem tudo fica gravado, registrado e, assim, a memória e esquecimento andam lado a lado. Num caso como no outro, temos os fenômenos da seleção consciente ou inconsciente e a interpretação e distorção. Não podemos manter na nossa memória todas as experiências que vivenciamos ou das quais tomamos conhecimento num dia comum das nossas vidas. O que a memória individual grava, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. Assim, somos obrigados a selecionar, para que em nossa memória só sejam mantidas aquelas informações que possuem significado para nossas futuras tomadas de decisão.

Todos os que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos fatos, algo de invariante. É como se, numa história de vida individual, mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente houvesse elementos irredutíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. (POLLACK , 1992, p.2)

Observar-se que quando alguma experiência ou história é passada de geração em geração ou quando alguma informação faz parte da cultura de determinada sociedade, ela acaba se introduzindo em sua própria realidade, tornado elemento formador de identidade. Essas experiências podem ser acontecimentos vividos por um indivíduo ou pelo grupo, através do conhecimento da história, da política, ou também pela identificação de fatos que moldaram a organização social de determinada comunidade ou região geográfica.

Além disso, a memória também é constituída através das pessoas, com suas memórias passadas através dos tempos, ou através de personagens que tiveram papel significativo na realidade social, política e cultural. Os espaços físicos também são elementos constitutivos de memória, pois através deles, podem-se estudar hábitos, costumes e, conseqüentemente, formular conceitos que, após serem comprovados, poderão em um futuro fazer parte da memória coletiva de um grupo, mesmo não tendo vivido aquela realidade em uma mesma época. Esses espaços físicos também podem fazer parte da memória individual, como um lugar que remeta à infância ou a uma situação de vida marcante do indivíduo.

Entendemos que a memória é, em parte, herdada, não se referindo apenas à vida física da pessoa, mas também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada e em que ela está sendo expressa.

Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma relembração de um período que a

peessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela. (POLLACK, 1992, p.3)

Nesse sentido, a constituição da memória de um indivíduo é uma combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais ele participa e sofre influência, seja na família, na escola, em um grupo de amigos ou no ambiente de trabalho. Conforme sugere Halbwachs (1952), quanto mais inseridos se fazem em um grupo, mais condições terão os indivíduos de recuperarem as suas memórias como também de contribuir para a recuperação e perpetuação da memória geral, sempre numa relação de complementaridade. Ao mesmo tempo, sua duração está limitada à duração da memória do coletivo, ou seja, enquanto há preservação de elos entre os integrantes para que a sua memória permaneça, ela permanecerá.

Já escreveu Jöel Candau (2011): “A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada” (JÖELCANDAU, 2011, p.28). Isso resume a dialética da memória e da identidade, que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa.

Deste modo, um homem de tamanha relevância para cidade como o chargista Bello, com tão poucos documentos físicos disponíveis até o presente momento, é um desafio à preservação da memória da cidade e das pessoas que com ele construiu sua história. A produção de um documentário sobre a trajetória deste ícone do humor, tanto em audiovisual, juntamente com este documento escrito, mostrando sua vida e carreira, além de ser uma justa homenagem, é um importante documento para cidade de Juiz de Fora.

5 BIOGRAFIA COMO INSTRUMENTO EDUCACIONAL

Biografia é o gênero de texto que conta a história da vida de alguém (*bio* é vida, e *grafia* é escrita). É uma mistura entre jornalismo, romance e história. Sua impressionante resistência ao longo dos séculos, como gênero literário e como fonte historiográfica, demonstra sua importância na utilidade como instrumento de compreensão do mundo humano e dos seres que os integram, garantindo a “verdade” das teorias e a veracidade das interpretações.

Biografias fascinam. Raros são os que se quedam indiferentes diante das vicissitudes de uma vida. Mesmo os detratores do gênero traem seu aparente desinteresse: geralmente sua crítica dirige-se menos aos males intrínsecos aos perfis biográficos do que a seu papel de instrumento de um “odioso individualismo”. Quanto ao sucesso das narrativas de vida, é inegável, posto que se mantêm em evidência há mais de 2.000 anos. Desde os tempos do neoplatônico Damaskios, no século V a.C., a quem se atribui a cunhagem da palavra biografia (de *bios*, vida e *gráphein*, escrever, descrever, desenhar), a narrativa de trajetórias individuais permanece em destaque, suscitando interesse, quaisquer que sejam sua forma ou as intenções que motivam sua elaboração. (CARINO, 1999, p.153)

Carino (1999) dá crédito para singularidade da vida individual ao sucesso das biografias. Sendo a vida una, indivisível, irrepetível e intransmissível, a fascinação da história pessoal alude à verdade, simplicidade, uniformidade e identidade pura. "Biografar é, pois, descrever a trajetória única de um ser único, original e irrepetível; é traçar-lhe a identidade refletida em atos e palavras; é cunhar-lhe a vida pelo testemunho de outrem; é interpretá-lo, reconstruí-lo, quase sempre revivê-lo." (CARINO, 1999, p. 154).

O grande sucesso editorial deste tipo de produção se apresenta no conforto em que o leitor se sente ao descobrir que grandes personalidades também cometeram deslizes e tiveram problemas. Como ressalta o romancista João Ubaldo Ribeiro, "nas biografias existe o consolo do defeito." (APUD MAYRINK E GAMA, 1994, p.104).

No momento em que conseguimos distinguir a “personalidade” do “personagem”, qualificamos a biografia como instrumento de análise histórica do entendimento do mundo e não apenas como narração dos fatos ocorridos numa vida. Conforme acentua Filloux (1960), o “personagem” é a aparência que uma pessoa se atribui “ao assumir uma personalidade”. A biografia, em busca da essência do cunho educacional, que é histórica, posto que se trata de um recurso de aprendizado utilizado por uma dada sociedade num determinado momento histórico, precisa transcender essa dimensão de aparência e seguir em busca da personalidade, que é mais ampla e mais profunda.

Em síntese, a personalidade não é “estímulo social”, nem personagem, nem ficção diretriz, nem entidade metafísica. Para se chegar a uma definição formal, que não esteja por demais diretamente ligada a um sistema, o melhor é reportarmo-nos às diversas características que um conceito compreensivo deve correlacionar. 1) A personalidade é única, própria a um indivíduo, embora este possua traços em comum com os outros; 2) Ela não é somente uma soma, um total de funções, mas também uma organização, uma integração; mesmo que essa integração nem sempre chegue a ser realizada é, pelo menos, essa tendência integrativa que define tal noção de centro organizador; 3) A personalidade é temporal, visto sempre pertencer a um indivíduo que vive historicamente; 4) Por fim, não sendo nem estímulo nem resposta, ela se apresenta como uma variável intermediária, afirmando-se como um estilo através e por meio do comportamento. (FILLOUX, 1960, p. 12):

Filloux então enfatiza que personalizar é expressar uma apropriação particular do mundo. Estas características postulam, portanto, a pertinência e a relevância do estudo das construções biográficas, notadamente em sua relação com a educação. O gênero biografia está associado à educação por meio de um pressuposto: o de que as construções biográficas contêm uma instrumentalidade educativa. Isso porque a criação deste gênero fílmico não se dá em vão, sempre há uma intencionalidade, seja exaltar, criticar, descobrir, renegar, apologizar, reabilitar, santificar, enfim. E, abordando experiências singulares, transformam-se, intencionalmente ou não, em um exemplo pedagógico de reflexão. Em outras palavras, ser “educado” é, na dimensão coletiva, aprender a ser e reagir de determinadas maneiras que servem ao meio social. Então, a partir do momento em que estudar a vida de alguém é fazer dessa vida um depósito de exemplos educativos, tomamos tais reações como modelos para aqueles que se busca educar.

A educação, na qual sempre se estabelece uma tensão entre a heterogeneidade do individual e a homogeneidade do social, tem nas biografias um instrumento valioso – único, aliás, que se presta ao teste de suas teorias na experiência insubstituível e insuperável da vida concreta –, além de constituir-se num manancial inesgotável para as exemplificações. Por isso, torna-se relevante estudar a biografia em sua instrumentalidade educativa (CARINO, 99, p.178)

Quanto se trata da produção da bibliográfica, deve-se considerar um aspecto cauteloso: a questão ética. O biógrafo ou jornalista, ao apropriar-se da imagem do retratado e, por conseguinte, expor seus segredos e mazelas, invade a privacidade do biografado. A moral está intrínseca na decisão de como agir frente a uma determinada situação, no foro íntimo de cada um, na forma como as pessoas, individualmente, reagem diante de um impasse. O bom senso, de acordo com os princípios básicos de respeito, deve ser constantemente reafirmado e testado. Sendo assim, a conduta desejável esperada do profissional é o respeito e zelo pela memória.

A biografia é o meio pelo qual os últimos segredos dos mortos famosos lhes são tomados e expostos à vista de todo mundo. Em seu trabalho, de fato, o biógrafo se assemelha a um arrombador profissional que invade uma casa, revira as gavetas que possam conter jóias ou dinheiro e finalmente foge, exibindo em triunfo o produto de sua pilhagem. O voyeurismo e a bisbilhotice que motivam tanto os autores quanto os leitores das biografias são encobertos por um aparato acadêmico destinado a dar ao empreendimento uma aparência de amenidade e solidez semelhantes às de um banco. O biógrafo é apresentado quase como uma espécie de benfeitor. Sacrifica anos de sua vida no trabalho, passa horas intermináveis consultando arquivos e bibliotecas, entrevistando pacientemente cada testemunha. Não há nada que não se disponha a fazer, e quanto mais o livro refletir sua operosidade, mais o leitor acreditará estar vivenciando uma elevada experiência literária e não simplesmente ouvindo mexericos de bastidores e lendo a correspondência alheia. Raramente se leva em conta a natureza transgressiva da biografia, mas ela é a única explicação possível para a popularidade do gênero. A incrível tolerância do leitor (que ele não estenderia a um romance mal escrito como a maior parte das biografias) só faz sentido se for entendida como uma espécie de cumplicidade entre ele e o biógrafo numa atividade excitante e proibida: atravessar o corredor na ponta dos pés, parar diante da porta do quarto e espiar pelo buraco da fechadura. (MALCOLRM, 1995, p.16 17)

Em sùmula, enquanto a biografia pode ser considerada um produto de bisbilhotice, por outro lado ela também se configurar como um gênero literário válido, quando enxergamos seu valor de afunilar a relação do leitor de um autor e, conseqüentemente, aumentar o interesse pela obra.

6 DESENHANDO BELLO

6.1 BELLO, ENTRE OUTRAS QUALIDADES

José Bello da Silva Junior nasceu em 04 de abril de 1956 na cidade mineira de Juiz de Fora, há 265 km de distância da capital Belo Horizonte. Filho de pai de mesmo nome e mãe Rita de Cássia, Bello era o mais novo de uma família de seis irmãos. Autodidata, começou a mostrar seus traços artísticos ainda criança, com desenhos que, apesar de infantis, já mostravam perspectiva e profundidade (apêndice II – E). Sua irmã Rita Bello (apêndice I – B) lembra que, desde muito novo, o caçula mostrava-se criativo, irreverente e tinha a facilidade para inventar e surpreender a família. Para ela, esta veia artística não foi herdada de nenhum parente, tendo sido um talento nato que foi se desenvolvendo naturalmente, principalmente para o lado do humor.

Ele quando era bem menino, um dia estava sentado na calçada de casa com a perna esticada, encostada no muro, quando passou uma bicicleta e quebrou a perna dele. Minha mãe estava viajando na ocasião, então tinha uma tia tomando conta da gente. Aí teve que engessar a perna, ele teve que ficar parado e, como minha mãe não estava, ela ficava agradando ele. Ele, com o papel que embrulhava o bombom que ganhava, começou a fazer bonequinhos. Fazia conjuntos musicais e objetos que, para a idade dele, eram perfeitos. (APÊNDICE I – B)

No meio acadêmico, seu desejo era fazer a faculdade de Arquitetura, mas seu jeito arraigado à família e amigos fez com que Bello abandonasse a ideia, já que não existia a opção do curso na cidade. Com isso, ingressou no ensino de Engenharia Civil pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), sem saber que lá iria começar a desenhar o seu legado. Ainda no período dentro das salas de aula, Bello se deu conta de que seu dom era trabalhar com desenho e humor e, após oito longos anos de curso, abandonou a faculdade para se tornar chargista.

Aos 21 anos conheceu Eliana Rezende com quem viria a se casar após 11 anos de namoro (apêndice I – L). Como não poderia ser diferente, o casamento fugiu dos padrões normais e a ousadia de Bello se destacou mais uma vez.

No dia do casamento, como ele era muito gozador, juntou ele e as irmãs dele e aprontaram também. Primeiro ele cortou o cabelo curtinho e deixou só uma trança imensa com um lacinho. As irmãs dele pegaram o sapato dele e escreveram. Na hora que ele ajoelhou o sapato tava todo escrito. Como nosso namoro foi demorado, pegaram uma tartaruga e fizeram o sobrinho dele entrar com a tartaruga, porque ele colocava no jornal todo dia: “faltam tantos dias para o Bello casar” e o emblema era uma tartaruguinha. Aí eles fizeram o sobrinho entrar com a tartaruguinha como se fosse a daminha. E alugaram um trenzinho da alegria que, na hora dos cumprimentos, tiraram a gente da igreja e colocaram no trenzinho. Quer dizer, foi tudo típico dele, que ele gostava disso (APÊNDICE I – A)

Deste relacionamento teve duas filhas, Nicolle e Lais, que tal como o pai seguiram pela mesma carreira de Comunicação/Jornalismo. Enquanto figura paterna, Bello não se restringia a ser apenas uma representação biológica, mas mantinha sua participação ativa e se reservada ao direito de ser coruja com suas crias. Lais (Apêndice I – D) recupera a lembrança de um pai que se orgulhava de suas filhas, que passava o dia se divertindo com elas, que estudava junto e envolvia-se intensamente nos interesses da família. Igualmente, Nicolle (Apêndice I – C) ainda recorda que, ao contrário de que as pessoas esperam de um humorista, o chargista também tinha seu lado sério quando fosse necessário.

Era uma pessoa muito bem humorada, no trabalho e até com os amigos, sempre estava no bar fazendo caricaturas com todo mundo, dando um jeitinho de zuar a gente também. Mas dentro de casa ele era uma pessoa muito séria. Não séria de sisuda, carrancuda, mas séria de querer sempre passar um bom exemplo como pai. Por exemplo, sentava com a gente e estudava sempre, sempre muito certinho. Era um exemplo bem sério, ao contrário do que as pessoas imaginam, normalmente. (APÊNDICE I – C)

Além do artista talentoso, Bellinho, como foi apelidado pelos amigos e familiares, se destacava na sua personalidade carismática, sendo reconhecido por ser um homem expansivo, criativo e muito bem humorado. Seu ciclo de amizades era extenso e, se por acaso houvesse alguém que o tratasse como inimigo, este era desconhecido. Frequentar botequins era sua rotina de final de semana, pois de acordo com o próprio caricaturista, conversas de mesas de bares eram consideradas locais em potencial para inspirações, em uma época em que a internet não era disseminada e os “*trending topics*” não estavam tão acessíveis. Com uma personalidade bem peculiar, Bello lidava com todos na sociedade de uma forma bem humilde e acolhedora, dos mais altos escalões da hierarquia, até os mais marginalizados. De acordo com o amigo José Renato Pipa (Apêndice I – F), “O Bellinho era dono de uma simplicidade, uma simpatia e tanto. Se dava bem com todo mundo. Eu não me lembro de uma pessoa que não gostasse do Bellinho. Não tem! Da pessoa mais simples à pessoa de um nível maior. A atitude dele era a mesma com qualquer um.”

Mesmo tendo posições rigorosas sobre determinados assuntos, se opunha às ideias, mas dificilmente tomava uma discussão como pessoal, sendo tido pelos colegas como uma pessoa agregadora, que tentava sempre procurar escutar os anseios de quem convivia com ele. Amizade e companheirismo são características consoantes aos que traçam o perfil do desenhista que, com seu jeito afável e benévolo, cultivou um grande ciclo de amizades. João Batista (Apêndice I – E), amigo de Bello desde o início da década de 60, se emociona ao definir o chargista como um “parceiro de todas as horas.”

A gente dormia no hotel e saía pra comer, mas não tínhamos dinheiro. Aí a gente rachava o prato e um comia o bife e o outro ovo, coisas de muleque mesmo. Amizade forte, foi meu padrinho de casamento e eu também fui padrinho dele. A gente tinha momentos de diferença, ele dizia que eu era egoísta porque eu gostava de segurar meus amigos comigo e ele era atencioso com todo mundo. Qualquer um que procurasse ele estava disposto a ajudar. (APÊNDICE I – E)

Bello, que era conhecido pela coragem de dizer o que pensa e afrontar as infâmias, mesmo que de forma sutil, também tinha seu ponto fraco. Quando o assunto é medo, a resposta é unânime: Bello não tinha medo de nada, apenas de baratas.

Tinha muito medo de barata. Houve uma ocasião que, de madrugada, ele levantou para ir no banheiro e o banheiro da minha mãe era preto. Naquela época que usava azulejos escuros, e quando ele achou uma barata, mas lá no fundo do banheiro, na parede e ele não entrou no banheiro de forma alguma. Ele arrumou uma seringa de injeção e ficou lá da porta com a seringa jogando remédio na barata para ver se acertava. (APÊNDICE I – B)

Apesar de sua fisionomia indicar um homem grandalhão, de voz grossa e assertiva, por detrás da barba espessa escondia-se o riso tímido de uma pessoa sentimental e emotiva.

Por exemplo: minhas filhas tinham apresentação de alguma coisa na escola, e o que ele chorava quando elas apareciam...Até programa de televisão ele chorava. Eu ainda ria muito porque às vezes ele estava assistindo Silvio Santos, Porta da Esperança, uma coisa boba, quando abria a porta e eu olhava para ele, ele estava chorando. Então ele tinha esse lado emotivo. Apesar de acharem que só via ele gozando, brincando, não imaginavam esse lado dele. (APÊNDICE I – A)

Com seu jeito singular, Bello conquistou um patrimônio de carinho e admiração pela cidade de Juiz de Fora, deixando a herança de uma pessoa de bom coração, que conseguiu usar de sua artimanha para servir-se da crítica no propósito exclusivamente de fazer rir. Com isso, ofereceu sempre uma nova visão otimista a um povo muitas vezes céticos às situações políticas e sociais de sua cidade e país.

6.2 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Referência de humor e crônica política, Bello começou a exercitar seu traço profissionalmente ainda como estudante de Engenharia da UFJF quando, ao fazer desenhos de colegas e professores em sala de aula, foi descoberto pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES), que o convidou para ser ilustrador da Instituição.

Ao expor caricaturas de amigos em uma “Semana de Engenharia”, seus desenhos lhe renderam uma vaga de chargista no extinto jornal Diário Mercantil, em 1983, dando início a sua carreira na cidade. Passou pelo Correio da Mata, Diário da Manhã e O Povo na Rua até,

três anos mais tarde, ser contratado pelo jornal Tribuna de Minas, onde permaneceu por 25 anos, até seu falecimento em junho de 2011.

Seu traço era tão único que, mesmo sem assinatura, era possível reconhecer um desenho como seu. O que o diferenciava era a sutileza de seu trabalho, que era capaz de dominar o humor no tempo certo e dar graça aos detalhes e fatos corriqueiros, garantindo uma maior proximidade com o leitor, que não só gostava do seu desenho, mas o simpatizava como pessoa. O editor geral do Jornal Tribuna de Minas, Paulo César Magella (Apêndice I – H), conta sobre sua experiência pessoal e profissional ao lado de Bello como sendo uma prática diária de aprendizagem e saber. Magella retrata a facilidade com que o chargista tinha de captar e compreender o fenômeno, decodificá-lo e conseguir verbalizar, com o humor, situações problemáticas da cidade.

A arte dele com certeza mudou o conceito de cultura em Juiz de Fora. Até porque nós não tínhamos esses traços nos jornais. Bello teve um *gap* entre algumas pessoas que produziram charges e ele que entrou em 25 anos conseguindo verbalizar, através de sua pena, todo o sentimento de indignação dos que não podia ser ouvidos e, ao mesmo tempo, advertindo os poderosos. (APÊNDICE I – H)

A sensibilidade do artista era tamanha que, ainda de acordo com o editor geral, a percepção do fato era uniforme ao passo que o entendimento do público era quase sempre análogo.

A compreensão dele vinha muito rápido. Você via e imediatamente já assumia aquilo. Engraçado porque o fenômeno do conhecimento tem alguns detalhes interessantes porque é o homem e suas circunstâncias. Se você for fazer algumas interpretações, você pode ver um determinado fato de acordo com seu viés psicológico, histórico e de acordo com seu ser. Mas, o Bello, havia uma certa unanimidade. Não havia dissenso. Havia sempre consenso e as pessoas na maioria das vezes entendiam de uma maneira quase única. (APÊNDICE I – H)

Tratar de temas polêmicos com elegância e requinte era sua peculiaridade, um equilíbrio que o tornava uma figura querida mesmo entre as pessoas que criticava, apesar da acidez das charges. Mesmo tendo se tornado posteriormente funcionário público, isso não o inibiu de dar a sua opinião enfática sobre as mazelas da cidade.

O jornal sentia os reflexos destas charges do Bello sim. Mas isso é que faz o jornal ser importante, porque quando um dos seus personagens, seja no texto, na foto ou na charge repercutem sobretudo nas instâncias de poder e elas ficam incomodadas, é sinal que nós estamos cumprindo nosso papel. E ele fazia isso sistematicamente. Mas as mesmas pessoas que ficavam irritadas com o Bello, amavam o Bello. É um negócio meio paradoxal, porque eles viam que o Bello era uma voz da cidade, não era o chargista se afirmando, ele não falava por ele, ele falava por muita gente, sobretudo por todos nós. Era um protesto coletivo. (APÊNDICE I – H)

Foram quase 15 mil charges publicadas de desenhos bem-humorados, criativos e inteligentes (Apêndice II – N), além da criação de logotipos, ilustrações e mascotes para

produtos educativos e promocionais que ajudaram a contar um pouco da história política e social da cidade. Isto sem contar os desenhos que foram feitos, mas por motivos editoriais ou opcionais não puderam ter sido publicados. De acordo com Eliana (Apêndice I – A), nestes 25 anos de Tribuna, Bello nunca deixou lacuna na página do jornal, mandando charges diárias mesmo em período de férias ou quando esteve internado por motivos de saúde.

Férias ele tirava assim: a gente viajava e de lá, ele estava de férias no papel, mas ele mandava a charge pela internet. Ele ficou quatorze dias internado e não deixou de mandar charge nem um dia. Ele fazia a charge no hospital e eu levava para a Tribuna para ele. Não deixou nem um dia de fazer. Até nos dias que ele estava na UTI, ele já tinha feito a charge antes. Então, ou seja, todos os dias saiu charge inédita dele. (APÊNDICE I – A)

Para estar sempre em dia com a informação e antenados nas notícias, sua rotina era desde a hora de acordar, aproximadamente às cinco da manhã, ligar a televisão no noticiário e acessar diferentes sites jornalísticos para constatar o que estava em evidência. Diferente da maioria dos artistas, Bello não tinha um local específico para produzir suas charges. Na maioria das vezes, a mesa de jantar ou a escrivaninha de computador serviam de escritório. Bastava ter um canto liso disponível que já era o suficiente para encostar o papel e dar vida às suas imaginações e, quando elas vinham, não demorava nem meia hora para que a produção do desenho ficasse pronta.

Ele não tinha problema de vir a ideia rápido. Só que tinha aquela questão: cobrar. Ele não sabia cobrar. Por ele achar ser tão fácil ele cobrava um preço simbólico. Eu até falava: “Bellinho, você tem que valorizar, porque nem todo mundo tem essa capacidade que você tem.” Mas ele achava que não, que aquilo tava bom, que era bem pago, que para ele tava ótimo. E quando ele cobrava né, porque muita gente ele fazia assim, por ser estudante pedindo, podia não ter dinheiro, o outro que tava abrindo um negócio, podia não ter dinheiro, então ele nunca foi de cobrar caro, ele fazia muito na camaradagem mesmo. (APÊNDICE I – A)

O trabalho de Bello estava tão consolidado no dia-a-dia dos cidadãos que era comum na rotina dos leitores abrir o jornal e avançar direto para a página de opinião, onde estava a charge, antes mesmo de ler as manchetes ou os *Leads* da capa do noticiário.

às vezes, ele chegava em casa do barzinho que ele frequentava ou do mercado, por exemplo, e ele dizia que sempre tinha uma pessoa que comentava da charge do Bello, mas sem saber quem era o Bello. Aí ele deixava a pessoa falar e depois comentava que o Bello era ele. (...) Muita gente conhecia a charge, mas não conhecia pessoalmente e nem imaginava como ele era. E isso ele ficava um pouco orgulhoso também. (APÊNDICE I – A)

Bello recebeu alguns certificados de qualificação ao longo de sua carreira (Apêndice II – H). Em 2004 alcançou mérito profissional do Rotary Club de Juiz de Fora em reconhecimento à excelência de sua atuação no campo da imprensa local. Após 2 anos, foi nomeado cidadão benemérito pela Câmara de Vereadores que, posteriormente, também o

agraciou com uma moção de aplausos. A notoriedade do artista perante os colegas de classe creditou-o ao posto de homenageado no I Salão do Humor, realizado pela Fundação Ferreira Lage (Funalfa) em 2009. Com tamanho prestígio, o artista recebeu propostas para trabalhar em outras cidades de grandes centros, mas optou por continuar exercendo seu ofício em Juiz de Fora, local que era apaixonado e onde seus amigos e sua família estavam estabelecidos.

Qualquer jornal do país cabia o Bellinho. Juiz de Fora foi opção dele, ficar por aqui mesmo. Ele seguia uma máxima do José Luiz Ribeiro, diretor do grupo Divulgação, que dizia que é melhor você ser grande na sua cidade, ser reconhecido aqui e gostar daqui do que ficar batalhando lá fora sem a certeza de que vai dar certo. Mas ele tinha potencial para isso sim. (APÊNDICE I – F)

Como sua herança genética já carregava uma série de perturbações no coração (Bello já havia perdido o pai e dois irmãos de complicações cardíacas), com o chargista não foi diferente. Após ter feito cateterismo, ponte de safena, angioplastia e diversos tratamentos para doenças coronarianas, em 09 de junho de 2011, aos 55 anos, Bello foi submetido durante 55 minutos aos procedimentos de ressuscitação cardiorrespiratória após sofrer um infarto fulminante. Com sua morte, Bello deixou um vão aberto para todos que se envolveram direta ou indiretamente com o artista.

Para a família, a perda do ente gerou muita comoção além de um grande impacto no cotidiano doméstico.

Depois que ele se foi, foi muito difícil principalmente no primeiro ano, porque ele movia muito a família. Ele sempre chegava muito surpreendente, com brincadeiras. Principalmente no natal, a gente tem uma tradição de fazer uma oração e era ele que fazia esta reza. Então, no primeiro ano, foi absurdo mesmo. (Apêndice I – D)

Quanto ao jornal, o falecimento prematuro e inesperado do desenhista que estampou durante ¼ de século as páginas da Tribuna deixou um sentimento de insegurança para o futuro do informativo.

A ficha custou a cair, tanto é que passamos um longo tempo repetindo as charges do Bello. E ficou uma pergunta: “É agora José?” Porque não víamos no horizonte ninguém com as características do Bello, capazes de justificar como é que o jornal funcionada, o modo de pensar do jornal. Este detalhe é importante, a linha editorial do jornal batia com o que o Bello sentia. E levamos um bom tempo até que encontramos o Mário, que é um bom seguidor, mas de outro modo. O Bello é único. (APÊNDICE I – H)

O sucessor de Bello no jornal, Mário Tarcitano (Apêndice I – G) conta que desde o tempo em que residia em Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro, acompanhava e admirava o trabalho do chargista mineiro. Seu egresso na Tribuna ocorreu após um desenho seu ter sido publicado no jornal, em uma página de homenagem ao caricaturista recém falecido (Apêndice II – I).

Quando o pessoal da redação ficou sabendo, foi um choque. Eles pensaram em fazer uma homenagem, uma página, e o rapaz do caderno dois que foi designado para fazer a matéria foi pegar opinião de cartunistas e chargistas que trabalhavam na cidade. Foi quando ele ligou para mim umas três horas da tarde e disse: “Mário, você ficou sabendo que o Bello morreu?” e, foi um baque. Falei que não tinha ficado sabendo e ele me perguntou se eu faria uma charge para homenageá-lo. Eu perguntei para que horas e ele disse que para as seis da tarde. E eu disse que fazia. Aí eu pensei na charge, fiz a charge e eles gostaram, publicaram em uma página falando dele com várias charges dele e uma charge minha como homenagem. Achei legal, porque apesar da gente não ser amigos, era um cara que eu admirava não só como pessoa porque era um cara expansivo, bem diferente de mim, ele falava alto e até isso eu tenho admiração. E o traço dele que era fantástico. Um cara que ficou vinte e cinco anos fazendo charges para um jornal não é para qualquer um não. (APÊNDICE I – G)

Desde então, Mário assumiu o papel já consolidado por Bello e, algumas vezes, percebe até uma certa comparação do público.

Apesar de ser a mesma atividade, são traços diferentes, a ideia, a forma como ele se estruturou socialmente foi diferente da minha, somos de estados diferentes, a forma de pensar é diferente. Tudo muda. E eu não tive essa comparação por parte do jornal, mas eu acho engraçado, nas redes sociais, quando às vezes eu faço uma charge que gera polêmica e que alguém não gosta, eles querem me agredir, achando que estão me agredindo, eles comentam: “que saudades do Bello” e acham que estão me agredindo falando isso, mas eu acho que é uma homenagem porque falta do Bello todo mundo vai sentir sempre. (APÊNDICE I – G)

De fato é inegável que, com um acervo digno de contemplação, Bello evidenciou a verdadeira natureza de seu trabalho, transformando senso crítico em humor com sua linguagem simples e afiada. Alguns dos desenhos de Bello agradaram tanto ao público que se esqueceram da característica de temporalidade da charge e desprenderam-se de seu contexto inicial, tendo reconhecimento e visibilidade ainda nos dias atuais.

6.3 PRINCIPAIS TRABALHOS E PERSONAGENS

Assim como para a maioria dos profissionais que atuam na área de charges, o cenário político era o favorito entre os desenhos de Bello, proporcionando que várias personalidades públicas da cidade tivessem suas imagens e características explicitadas pelos traços aguçados do artista (Apêndice II - M). O principal personagem e possivelmente o mais desenhado, foi o ex-Prefeito de Juiz de Fora, Tarcísio Delgado (Apêndice II – D).

Outro campo que garantia seu espaço no topo de publicação das páginas do jornal eram assuntos de cunho esportivo. Inclusive, a última charge enviada por Bello para redação, no dia anterior ao falecimento, aludia à reviravolta de um determinado time de futebol (Apêndice II – A). Por ser paixão nacional, o chargista dizia que este era o tema que causava as mais calorosas discussões.

A charge mais marcante, nomeada de “Metamorphose econômica” (Apêndice II – C), foi premiada na Feira de Humor de Juiz de Fora ainda nos anos 80, e seu desenho teve repercussão nacional, tendo sido publicado em jornais de todo o país. Segundo o amigo João Batista (Apêndice I – E) :

A maior sacanagem que fizeram com o Bellinho foi uma charge que ele publica maravilhosa quando troca o Delfim com o João Sayad, ele fez uma charge que inverte um e outro e aquilo aparece no Jô Soares como uma coisa maravilhosa de autor desconhecido Aquilo foi uma coisa que falamos com ele que ele tinha que mexer, que ele tinha direito daquilo e ele falava que não ia mexer nisso e acabou que ficou por isso mesmo, nunca correu atrás. Foi uma coisa que na época seria o estouro dele. (APÊNDICE I –E)

Em 1984, Bello publica seu primeiro livro com uma coletânea das melhores charges da época (Apêndice II – J). O “Olhando para a abertura pelo buraco da fechadura”, como foi intitulado, abordava, principalmente, assuntos sobre o regime militar e o FMI, Fundo Monetário Internacional.

Para Paulo César Magella (Apêndice I – G), “o trabalho mais marcante era todo dia”. Mesmo legitimando os acontecimentos como cíclico, nunca era possível prever o que esperar de Bello, que era sempre surpreendente.

Ao passo em que ia ganhado renome, Bello recebeu vários convites para participar de programas da televisão locais, como “Panorama Entrevista”, afiliada Tv Globo, “Curto Circuito”, vinculado pela TVE, “Programa do César Romero”, “Agridoce” e “Paraybuna Connection”, exibidos pela extinta Tv Visão e, pela internet, através do “Ces Entrevista”. Em busca de dividir ainda mais sobre seu trabalho, nestas entrevistas o desenhista também revelou outras facetas que eram pouco conhecidas pelos leitores do jornal.

6.4 OUTRAS VERTENTES

Além das conceituadas charges que permitiram que Bello fosse conhecido e reconhecido na cidade e região, outros talentos pouco explorados pelo público demonstravam que o artista era realmente completo.

Admitindo seu poder de diversificação, nestes anos de trabalho o desenhista foi convidado para ilustrar inúmeras capas de livros, folhetos pedagógicos, manuais técnicos, cartilhas, folders, mascotes e desenhos educacionais (Apêndice II – F). Eternizou seu traço em alguns restaurantes e casas de lazer de renome na cidade, com imagens que imprimiam e ainda hoje imprimem alguns estabelecimentos.

Mais do que isso, o chargista já criou divertidas estampas para diversos blocos carnavalescos locais. Sua história com a folia vinha desde os tempos de criança, quando, de acordo com o amigo Batista (Apêndice I – E), Bello se deleitava nesta época do ano.

Ele era completamente folião e a casa da Dona Rita (mãe de Bello) era referência. O Bellinho bolava as fantasias, mas a pintura e concentração era no terreiro da Dona Rita. E tinha uma história anterior de Domésticas de Luxo que cresceu e depois começou um movimento só nosso ali da rua, a Palhaçagem, que foi crescendo também, e era muito legal, uma coisa espontânea. Durante dois anos nós saímos a convite da Prefeitura, para fazer abertura do carnaval e, no terceiro ano, eles resolvem oficializar o desfile da Palhaçagem. (APÊNDICE I – E)

Rita Bello (Apêndice I – B) confirma o fato ao lembrar dos alvoroços do irmão sempre em que essa festividade se aproximava.

As fantasias dele para o carnaval eram além das nossas expectativas. Quando você está esperando uma coisa, ele inventava outra e colocava minha mãe doida para fazer as fantasias dele. Ele queria fantasiar de maço de cigarro, queria fantasiar de bruxa, queria fantasiar de tudo e ele era muito engraçado e divertido e aproveitada tudo que ele podia. (APÊNDICE I – B)

Não por menos, em 2012 o tradicional Bloco do Beco homenageou Bello com o enredo “O simples é belo e o Bello sempre será” (Apêndice III), levando milhares de pessoas ao centro de Juiz de Fora em memória ao desenhista.

Nos últimos meses de vida, Bello vinha se dedicando a uma exposição de pinturas a óleo sobre tela, com imagens coloridas e abstratas, em comemoração aos seus 25 anos de Tribuna (Apêndice II – G). A 22ª tela de uma série de 25 estava sendo finalizada quando Bello despediu-se da arte. Em continuidade a este projeto, 1 ano e 3 meses após seu falecimento, a família em parceria com a Funalfa deu início ao que nomearam de “Duas vezes Bello”, com os quadros e charges inéditas.

Quando eu o conheci, ele já pintava uns quadros. É tanto que quando a gente namorava eu tinha quadros lá em casa que ele tinha pintado e me dado de presente. Só que ele ficou um tempo sem pintar. Uns dois anos antes dele morrer, ele voltou a pintar, porque ele falava que queria fazer uma exposição. É tanto que nós, eu e minhas filhas, fizemos esta exposição, que era a vontade dele. (APÊNDICE I – A)

Uma outra proposta idealizada por Bello e que também não pode ser concluída, era mesclar seu *knowhow* com desenho e seu gosto pela culinária. Segundo a filha Nicolle (Apêndice I – C), ele “sempre falava em fazer um livro onde estariam charges e também receitas”. Funcionaria como uma obra ilustrada onde o aprendizado e o gosto pela cozinha se dariam de forma fácil com o acompanhamento da imagem.

Sabia fazer de tudo e inclusive ele ainda enfeitava o prato. Não era só o trivial, porque o trivial ele não gostava muito. Ele gostava de fazer enfeitando. Aniversário das meninas, por exemplo, ele fazia os salgadinhos, porque ele tinha muito de acordar de madrugada e perder o sono, aí ele ia para a cozinha e fazia salgadinho para congelar. Ele adorava esta parte também. (APÊNDICE I – A)

Como se já não bastasse, o multi-habilidades ainda encantava por sua aptidão com instrumentos musicais. Sua marca registrada era estar sempre em companhia do violão (Apêndice II – K), fazendo não só interpretações de músicas consagradas, como também tocando melodias de sua própria autoria.

Todo encontro tinha que ter o violão e o chapéuzinho dele. E na época de estudante, quando tinha festivais, ele sempre fez música para acompanhar os festivais da Academia, do Granbery. Eu lembro que tinha uma turma que fez uma banda com ele, chamada The Prints, e até foram para Ouro Preto tocar. Então outra característica dele era o lado musical muito apurado com eventos e músicas marcantes. Tem uma de Minas Gerais que foi até gravada que é muito muito boa. As músicas de carnaval, da Palhaçagem, era ele que compunha também. Ele tinha uma facilidade que com o ouvido ele pegava qualquer música. (APÊNDICE I – E)

Dispondo de tantas qualidades, Bello ganhou uma grande apreciação na cidade em que escolheu viver. E, em retribuição, recebeu em troca exatamente aquilo que se propôs a fazer: desenhos de fãs e admiradores (Apêndice I – M).

Com toda essa diversidade, Juiz de Fora pôde conviver com os variados talentos que Bello conseguiu proporcionar. Resgatar e manter viva a sua obra é preservar o alicerce da memória cultural e civil da sociedade. O chargista deixou não somente uma herança de conhecimento para se espelhar, deixou, sobretudo, um legado de amor à profissão e respeito pelo trabalho. A paixão pelo ofício, agregada à brilhante carreira de comunicador, é algo que fez com que seu nome fosse conhecido como um grande chargista, artista e amigo, Bello.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as principais diferenciações entre as fases em que os conceitos sobre documentário foram elaborados e as diversas formas que se tem para a confecção desse tipo de material, foi possível constatar que a produção fílmica é um importante instrumento de preservação de memória, seja ela individual ou coletiva.

Por meio de fontes escritas ou orais, o documentário é uma ótima ferramenta para contar a história de um povo, de uma nação ou até mesmo de um indivíduo que foi parte importante da história social. A produção fílmica acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social de um povo. Através da narração de pessoas próximas ao indivíduo, é possível contar a história tanto do personagem estudado, quanto dos “atores sociais” ali filmados.

Nesse sentido, na confecção da biografia de Bello, tanto no que se refere ao sexto capítulo desse trabalho, quanto na confecção do documentário audiovisual, foi utilizado o embasamento em alguns dos conceitos discutidos ao longo do presente trabalho. Na parte biográfica, foi possível transformar fontes orais em fontes matéricas. Cada uma dessas fontes orais tiveram a veracidade de suas informações comprovadas, seja por relatos que as corroboravam ou por documentos físicos. Os entrevistados que eram próximos ao personagem estudado, contaram sua história, dando idoneidade ao material e criando uma relação mais íntima com o telespectador.

Um documentário sobre este profissional significa um importante documento para aqueles que se interessam pelo assunto e buscam reconstruir aspectos importantes, tanto do jornalismo em geral, como do jornalismo pelas charges, pela informação através da animação, de um cartunista com tamanha relevância como Bello.

REFERÊNCIAS

- ARBACH, Jorge. **O fato gráfico: o humor gráfico como gênero jornalístico**. São Paulo: USP/SP. Tese de doutoramento em Ciências da Comunicação, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BARONAS, Roberto Leiser. **Derrisão: um caso de heterogeneidade dissimulada**. Cuiabá: EDU/FMT, 2005
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BENITES, Sonia Aparecida Lopes. **Sentido, História e Memória em Charges Eletrônicas: os domínios do interdiscurso**. Maringá: Eduem, 2010.
- BONNAFOUS, Simone. **Sobre o bom uso da derrisão**. São Paulo: Claraluz Editora, 2003.
- CANDAU, Jöel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARINO, Jonaedson. **A biografia e sua instrumentalidade educativa**, 1999.
- COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ELIACHAR, Leon. **O homem ao quadrado**. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1963.
- FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Leitura sem palavras**, 4 ed. São Paulo: Ática, 1997.
- FILLOUX, Jean-C. **La personnalité**. Paris: PUF, 1959
- GAWRYSZEWSKI, Alberto. **Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma**. In: Revista Domínios da Imagem, número 02, Universidade Estadual de Londrina, 2008.
- GRUDZINSKI, Silvia Cristina. **Crerios Jornalísticos de Noticiabilidade Presentes na Rotina Produtiva das Charges**, 2007 < disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-kika_criterios.pdf > acesso em 20 de janeiro de 2016.
- HENFIL, **Como se faz Humor Político**. Ed. Vozes, Petrópolis, 1984
- HALBWACHS, Maurice. **Os marcos da memória social**. Barcelona: Antropos, 1952.
- LUZ, Rogério. **Filme e Subjetividade**. Rio de Janeiro: Contra capa, 2002.
- MALCOLM, Janer. **11 mulher calada ..Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MIANI, Rozinaldo Antônio. **As transformações no mundo do trabalho na década de 1990: o olhar atento da charge na imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista.** Assis: UNESP/SP. Tese de Doutorado em História, 2005.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** 5ª edição. Tradução: Mônica Saddy Martins. Campinas, São Paulo: Papirus, 2010

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário: história, identidade, tecnologia.** Lisboa: Cosmos, 1999.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio.** In: Estudos históricos. v.2, n.3. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1989.

POLLAK, Michel. **Memória e identidade social.** In: Estudos históricos. v.5, n.10. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1992.

POSSENTI, Sírio. **A forma no discurso.** In: _____. Discurso, estilo e subjetividade. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal ... o que é mesmo documentário?.** São Paulo: Senac, 2008.

RASLAM, Eliane Meire Soares Raslan. Ana Luiza. Humor na charge mineira .<<http://marcadefantasia.com/imaginario/imaginario-4/eliane.pdf>> acesso em 15 de dezembro de 2015.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge Jornalística: polifonia e intertextualidade.** Maringá: Eduem, 2000.

SCHMIDT, Benito B. **Construindo biografias... Historiadores e jornalista: aproximações e afastamentos.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro.

SILVA, Ivam Cabral da. **Humor gráfico: o sorriso pensante e a formação do leitor.** Natal: UFRN/RN. Dissertação de Mestrado, 2008.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias e biógrafos: jornalismo sobre personagens.** São Paulo: Summus, 2009.

ZANDONATE E FAGUNDES, Vanessa e Maria Cristina de J. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social,** 2003. < disponível <http://bocc.ubi.pt/pag/zandonate-vanessa-video-documentario.html>> acesso em 10 de janeiro de 2016.

APÊNDICE

APÊNDICE I - ENTREVISTAS

ENTREVISTA A:

Entrevista com ELIANA BELLO.

Esposa.

Data: 30/11/2015, às 19hrs (duração: 30 minutos).

Entrevista realizada por Lais Bello.

1. Primeiro, conta a história de como vocês se conheceram.

R: Eu o conheci, a gente estava em uma boate. Ele chegou, me chamou para dançar e eu disse que já tava indo embora. Ele disse que me levava para casa e eu respondi: “que isso cara? Minha mãe já está aqui”, porque na época a mãe que levava a gente. Aí ele disse: “eu te conheço. Eu moro na Padre Café, meu nome é Bellinho” e eu pensei: “pô, esse cara não pode chamar Bellinho”. Aí no outro dia eu encontrei com um amigo dele, que era conhecido meu e morava na Padre Café, e eu perguntei se ele conhecia o Bellinho, se ele chamava Bellinho mesmo e ele respondeu: “nossa Eliana, conheço, esse cara é gozador pra caramba, o cara mais gozador que existe.” Aí começamos a namorar, namoramos três anos direto e depois começou, brigava, voltava, brigava, voltava porque o Bellinho sempre foi um cara de muita turma, gostava muito de viajar e meu pai não deixava eu viajar com ele. E os amigos todos viajavam com as namoradas e eu não podia viajar com ele. Então, quer dizer, acabava que ele viajava e sempre dava a aprontadinha dele para variar. Eu ficava sabendo, ele chegava e a gente terminava e ficava naquela coisa de briga e volta. E, nisso, durou onze anos, ficamos nessa guerra onze anos de idas e vindas.

2. Como ele sempre foi muito surpreendente, aposto que no casamento ele aprontou alguma.

R: No dia do casamento, como ele era muito gozador, juntou ele e as irmãs e aprontaram também. Primeiro ele cortou o cabelo curtinho e deixou só uma trança imensa com um lacinho. As irmãs dele pegaram o sapato dele e escreveram. Na hora que ele ajoelhou o sapato tava todo escrito. Como nosso namoro foi demorado, pegaram uma tartaruga e fizeram o sobrinho dele entrar com a tartaruga, porque ele colocava no jornal todo dia: “faltam tantos dias para o Bello casar” e o emblema era uma tartaruguinha. Aí eles fizeram o sobrinho entrar com a tartaruguinha como se fosse a daminha. E alugaram um trenzinho da alegria que, na hora dos cumprimentos, tiraram a gente da igreja e colocaram no trenzinho. Quer dizer, foi tudo típico dele, que ele gostava disso.

3. Você acompanhou o desenvolvimento dele como desenhista até se tornar chargista?

R: Quando eu o conheci ele trabalhava na gráfica do Cave, como desenhista. Mas ele já fazia muita caricatura de amigos, porque ele fazia engenharia e na engenharia ele começava a fazer as caricaturas de professor e tudo. Aí ele foi na gráfica do CAVE e o rapaz arrumou pra ele um emprego no Diário Mercantil na época. Foi quando ele foi ser chargista no Diário Mercantil. E daí que ele começou.

4. E você o incentivava a se profissionalizar com desenho ou você preferia que ele trabalhasse como engenheiro, por exemplo.

R: Ele adorava fazer isso, é lógico que eu incentivava. Agora eu acho que a maior incentivadora dele foi a mãe. A mãe dele desde pequenininho guardava os desenhos, fazia aqueles cadernos. Quando eu ia para a casa dela ela me mostrava os desenhos porque ele sempre adorou isto.

5. Como era a rotina dele de chargista?

R: Ele acordava às cinco horas da manhã e ia para a internet ler todos os jornais, todos! Quando era oito da manhã ele já tinha feito três, quatro, cinco charges. Ele mandava isso tudo para Tribuna para eles escolherem qual iriam colocar. Ele tinha muita facilidade. Igual logotipo, logomarca, as pessoas ligavam lá para casa pedindo um trabalho e, na hora que ele colocava o telefone no gancho ele já falava comigo que já tinha tido várias ideias. Ele falava que só não ia entregar tão rápido para as pessoas valorizarem. Ele não tinha problema de vir a ideia rápido. Só que tinha aquela questão: cobrar. Ele não sabia cobrar. Por ele achar ser tão fácil ele cobrava um preço simbólico. Eu até falava: “Bellinho, você tem que valorizar, porque nem todo mundo tem essa capacidade que você tem.” Mas ele achava que não, que aquilo tava bom, que era bem pago, que para ele tava ótimo. E quando ele cobrava né, porque muita gente ele fazia assim, por ser estudante pedindo, podia não ter dinheiro, o outro que tava abrindo um negócio, podia não ter dinheiro, então ele nunca foi de cobrar caro, ele fazia muito na camaradagem mesmo.

6. E em meio a tantos acontecimentos diários, ele conseguia tirar férias?

R: Férias ele tirava assim: a gente viajava e de lá, ele estava de férias no papel, mas ele mandava a charge pela internet. Ele ficou quatorze dias internado e não deixou de mandar charge nem um dia. Ele fazia a charge no hospital e eu levava para a Tribuna para ele. Não deixou nem um dia de fazer. Até nos dias que ele estava na UTI, ele já tinha feito a charge antes. Então, ou seja, todos os dias saiu charge inédita dele.

7. Em resumo, quem era o Bello para você?

R: Ele era uma pessoa muito divertida, adorava amigos, adorava o butiquim e tinha vários amigos em vários bares da cidade. Tocar um violão ele também adorava. E ele como tinha aquele vozerão ele pegava um violão e chamava as pessoas para ele. Tinha um bar que ele frequentava no cascatinha e eu ainda falava que o dono tinha que pagar para ele, porque ele

atraía as pessoas para o bar. E realmente, depois que ele faleceu o bar não é mais o mesmo. Então ele adorava fazer isso tudo.

8. O Bello pintor foi uma novidade para você? E como se deu a ideia de fazer a exposição com esses quadros?

R: Não. Quando eu conheci ele, ele já pintava uns quadros. É tanto que quando a gente namorava eu tinha quadros lá em casa que ele tinha pintado e me dado de presente. Só que ele ficou um tempo sem pintar. Uns dois anos antes dele morrer ele voltou a pintar, porque ele falava que queria fazer uma exposição. É tanto que nós, eu e minhas filhas, fizemos esta exposição que era a vontade dele.

9. Além disso tudo o Bello também cozinhava né?

R: Ele adorava! Sabia fazer de tudo e inclusive ele ainda enfeitava o prato. Não era só o trivial, porque o trivial ele não gostava muito. Ele gostava de fazer enfeitando. Aniversário das meninas, por exemplo, ele fazia os salgadinhos, porque ele tinha muito de acordar de madrugada e perder o sono, aí ele ia para a cozinha e fazia salgadinho para congelar. Ele adorava esta parte também.

10. Você acha que ele era reconhecido na cidade pelo seu trabalho?

R: Uma coisa que eu achava interessante é que as vezes ele chegava em casa do barzinho que ele frequentava ou do mercado, por exemplo, e ele dizia que sempre tinha uma pessoa que comentava da charge do Bello, mas sem saber quem era o Bello. Aí ele deixava a pessoa falar e depois comentava que o Bello era ele. As pessoas nem acreditavam, tanto que ele tinha que tirar identidade para provar que era ele. As pessoas falavam para ele que imaginavam que o Bello fosse um cara mais velho, uma pessoa totalmente diferente. É tanto que no meu casamento, por exemplo, foi muita gente que falava comigo que foi no meu casamento, sem ser convidada, mas que foi para conhecer o Bello. Porque muita gente queria conhecer o Bello chargista. Muita gente conhecia a charge, mas não conhecia o pessoalmente e nem imaginava como ele era. E isso ele ficava um pouco orgulhoso também, por ele ver a pessoa elogiando o serviço dele e conversando com ele mesmo, sem saber quem era ele.

11. Tinha alguma característica dele que só quem era bem íntimo conhecia?

R: Uma característica dele é que ele era muito brincalhão e tudo, mas era um cara muito emotivo, muito! Por exemplo: minhas filhas tinham apresentação de alguma coisa na escola, e o que ele chorava quando elas apareciam....Até programa de televisão ele chorava. Eu ainda ria muito porque as vezes ele estava assistindo Silvio Santos, Porta da Esperança, uma coisa boba, quando abria a porta e eu olhava para ele, ele estava chorando. Então ele tinha esse lado

emotivo. Apesar de acharem que só via ele gozando, brincando, não imaginava esse lado dele.

12. O trabalho dele na Prefeitura interferia no trabalho dele na Tribuna? Já que a charge, na maioria das vezes, tem um cunho crítico com a política muito presente.

R: É, inclusive ele já teve problemas com determinados Secretários na época, porque ele tinha que fazer o que acontecia. Então, às vezes ele fazia uma charge e a pessoa não entendia, ele tinha que explicar. Mas, depois, eles acabavam aceitando, porque eles viam que este era o trabalho dele. Ele era chargista também além de funcionário público, então se aconteceu algo ele tem que falar. Mas no final eles acabavam aceitando. A Câmara mesmo já deu moção de repúdio para ele, mas também depois todos chegavam e relevavam. Viam que era do serviço dele e que ele tinha que fazer aquilo, que não era nada pessoal.

ENTREVISTA B:

Entrevista com RITA BELLO.

Irmã.

Data: 30/11/2015, às 20h30min (duração: 10 minutos).

Entrevista realizada por Lais Bello.

1. Como era o Bello pessoa, fora dos parâmetros profissionais.

R: Desde pequeno ele foi muito criativo, muito irreverente, então tudo quanto era coisa maluca ele inventada. Eu acho muito fácil falar dele, mas ao mesmo tempo muito difícil. Fácil porque ele era uma pessoa que se preocupava muito em alegrar as pessoas e os ambientes. Ele tinha muitos amigos e todo mundo gostava muito dele. E acho difícil porque a morte prematura dele ainda deixa uma saudade muito grande. Mas tem umas passagens interessantes. Ele quando era bem menino, um dia estava sentado na calçada de casa com a perna esticada, encostada no muro, quando passou uma bicicleta e quebrou a perna dele. Minha mãe estava viajando na ocasião, então tinha uma tia tomando conta da gente. Aí teve que engessar a perna, ele teve que ficar parado e, como minha mãe não estava, ela ficava agradando ele. Ele, com o papel que embrulhava o bombom que ganhava, começou a fazer bonequinhos. Fazia conjuntos musicais e objetos que, para a idade dele, eram perfeitos. Aí foi crescendo e teve uma época que apareceu com uma bateria na casa da minha mãe. Era uma pessoa muito habilidosa, com uma sensibilidade muito grande e um humor enorme.

2. Quando criança, como eram suas características.

R: Ele era muito levado. Aprontava muito com os colegas dele. Gostava muito de brincadeiras. Então, assim, viveu intensamente, com certeza.

3. Você acredita que esta veia artística dele foi herdada de alguém da família.

R: Não. É uma coisa que eu acho que já veio com ele mesmo, foi natural. E, desenvolveu isto principalmente para o lado do humor, porque ele era uma pessoa que tinha facilidade, era um gozador e os amigos ainda incentivavam mais ainda. Carnaval ele fazia blocos. Quando chega essas épocas de festa a gente sente muita falta dele, porque natal, carnaval, a gente sempre esperava as coisas que ele ia aparecer, que ele ia aprontar, mas, ainda assim, ele ia além das nossas expectativas. Então eu acho que a vida dele foi muito voltada para promover alegria para os outros.

4. O Bello tinha algum outro desejo profissional ou ele sempre soube que ia tentar seguir a carreira no desenho?

R: Ele fez engenharia, mas desistiu logo. Nos primeiros anos ele já começou a fazer caricatura dos colegas e eles começaram a gostar. Ele também foi gostando, foi se animando com aquilo e logo passou para o desenho. Então, eu creio que ele viveu na profissão que gostava mesmo. Ele dedicou a vida dele a fazer as pessoas felizes, porque normalmente as charges dele, apesar de criticar às vezes um político, uma pessoa, mas nada era ofensivo, tudo na base da gozação, da brincadeira. Então, era realmente muito forte isso nele. Promover a alegria.

5. O que você pode contar para a gente sobre a relação do Bello com a música?

R: Pois é, a gente se surpreendia muito com ele. Às vezes a gente nem sabia, ele fazia as coisas e não tínhamos nenhuma noção. Uma vez convidaram pra ir num festival de música e, chegando lá, tinha uma música linda dele que nós não conhecíamos. Então, ele era muito na dele. E isso é uma pena ele não ter explorado mais, porque ele fez músicas muito bacanas.

6. O carnaval era a melhor época do ano para Bello, não é?

R: Com certeza. As fantasias dele para o carnaval eram além das nossas expectativas. Quando você está esperando uma coisa, ele inventava outra e colocava minha mãe doida para fazer as fantasias dele. Ele queria fantasiar de maço de cigarro, queria fantasiar de bruxa, queria fantasiar de tudo e ele era muito engraçado e divertido e aproveitada tudo que ele podia.

7. Conta para gente uma característica dele que poucas pessoas conheciam.

R: Tinha muito medo de barata. Houve uma ocasião que, de madrugada, ele levantou para ir no banheiro e o banheiro da minha mãe era preto, naquela época que usava azulejos escuros, e ele achou uma barata, mas lá no fundo do banheiro, na parede, e ele não entrou no banheiro de forma alguma. Ele arrumou uma seringa de injeção e ficou lá da porta com a seringa jogando remédio na barata para ver se acertava.

8. Ele recebeu propostas para sair de Juiz de Fora. Porque optou por continuar na cidade?

R: Ele queria ficar aqui mesmo, porque aqui estava a família, estava os amigos e ele sempre foi muito caseiro. Gostava das idas dele realmente nos botequins. Ele tinha a turma da Padre

Café, a turma do Cascatinha e tinha várias turmas aí que ele ia para tocar o violão dele. Ele era muito arraigado com a família e não queria sair daqui não.

ENTREVISTA C:

Entrevista com NICOLLE BELLO.

Filha.

Data: 07/12/2015, às 19h10min (duração:20 minutos).

Entrevista realizada por Lais Bello.

1. Seu pai teve influência na escolha por seguir a carreira artística?

R: Eu acabei me tornando desenhista, trabalho com isso, e com certeza a influência dele foi muito forte. Eu sempre falo que ele nunca sentou para me ensinar a desenhar, por exemplo, mas só de ele estar perto de mim, todos os dias, desenhando e eu vendo, e vendo que ele gostava de fazer isso, é um exemplo muito bom, porque quando a gente vê que a pessoa gosta do que faz, aquilo cativa a gente para querer fazer também. Então acho que a maior influência dele, para mim, nesse quesito do trabalho, foi de ver ele gostar de fazer o que ele fazia e isso me deu vontade de seguir um caminho parecido. Quando eu comecei a desenhar ele era a figura que eu mais desenhava. Porque eu sempre gostei de desenhar rostos e ele era por si só uma figura muito caricata, porque grandão, aquela barba, os dentes imensos, sobrancelhas grossas, barrigudos, usava sempre chapéu, então era uma figura fácil de desenhar e eu sempre desenhava ele. E isso também me ajudou porque por eu sempre desenhava ele, ele me incentivava muito por achar legal. E eu ia sempre evoluindo na tentativa de representá-lo mais realisticamente.

2. Quem era o Bello como pai?

R: Era uma pessoa muito bem humorada, no trabalho e até com os amigos, sempre estava no bar fazendo caricaturas com todo mundo, dando um jeitinho de zuar a gente também. Mas dentro de casa ele era uma pessoa muito séria. Não séria de sisuda, carrancuda, mas séria de querer sempre passar um bom exemplo como pai. Por exemplo sentava com a gente e estudava sempre, sempre muito certinho. Era um exemplo bem sério, ao contrário do que as pessoas imaginam, normalmente.

3. Quais foram os projetos dele que acabaram por não serem concluídos?

R: Ele queria fazer uma exposição de pinturas à óleo e acabou que não deu tempo de concluir, e a gente acabou fazendo depois em nome dele. Também sempre falava em fazer um livro onde estariam charges e também receitas, porque ele também gostava muito de cozinhar. Então ele falava que queria fazer um livro bem diverso, cheio de coisas que ele podia oferecer e de talentos que ele tinha para compartilhar, mas acabou que não deu tempo. Fora isso, a aposentadoria que viria com vários planos, mas acho que faz parte da vida. Acaba que alguns não foram concluídos, mas outros foram brilhantemente.

4. Como foi organizado o projeto da exposição de pinturas do Bello?

R: A exposição de pinturas era uma ideia dele mesmo, que não deu tempo de ser concluída porque ele estava pintando para expor, tanto é que tinha um quadro que estava inacabado na exposição, que era umas pipas voando. Então a gente achou que era bacana expor um sonho dele e acabou que foi muito legal, teve uma repercussão muito bacana e muita gente foi visitar.

5. Tem alguma situação engraçada que você já passou com ele e que pode contar para gente?

R: Eu, já na faculdade, dei palestras também, cursinhos pequenos de desenho e, em um desses cursos eu chamei ele para me ajudar. Pensei que a galera ia se interessar, mas quando ele chegou lá, que arrependimento! Ele começou a passar um monte de vídeos caseiros, vídeos de palhaçadas que ele fazia e eu fiquei morrendo de vergonha. Acabou que desenho mesmo, ele não desenhava. Fez mais palhaçada e divertiu a galera do que tudo.

6. Além das charges, quais outras vertentes seu pai também atuava?

R: Ele atuava em muitas frentes, vamos dizer assim. Não só a charge, que é o que todo mundo conhece, mas mesmo dentro do desenho fazia pintura, caricatura...Fazia muitas coisas diversas de desenhos e ainda cozinhava, cantava, compunha, se precisasse dançava, fazia palhaçada. Era muito diverso o que ele sabia fazer.

7. Como a família recebeu a notícia do falecimento do Bello?

R: Foi uma surpresa para todos nós, porque a gente acha que a morte vai ser uma coisa anunciada, que por exemplo a pessoa vai ficar doente ou vai estar velhinha. E, não é. É da noite para o dia, de repente. E, para mim, gerou muito impacto. Inclusive tomei decisões a partir dali. Larguei a faculdade de artes, porque comecei a pensar no sentido da vida. Se tornou real para mim o final da vida. E quando ele morreu eu vi e tomei como exemplo que ele era uma pessoa muito querida por todos os amigos, de todas as classes sociais, de todos os ambientes que ele frequentava. Do meu ponto de vista, ele foi com a missão cumprida.

ENTREVISTA D:

Entrevista com LAIS BELLO.

Filha.

Data: 07/12/2015, às 20h00min (duração: 15 minutos).

Entrevista realizada por Leandro Leiva.

1. Seu pai teve alguma influência na sua escolha por fazer a faculdade de Jornalismo?

R: Na verdade a gente tinha um projeto, nossa família, porque minha irmã fez publicidade também, meu pai gostava desta área de publicidade além do desenho e eu escolhi comunicação porque na federal não tinha essa área voltada para publicidade, só tinha comunicação. A gente tinha uma intenção de talvez de abrir uma empresa de publicidade e ser a nossa família trabalhando junto, mas infelizmente não deu para concretizar. Então eu fazer comunicação foi influência sim dele.

2. Como era o Bello como pai?

R: Era um pai muito presente. Eu lembro dele levando a gente aqui na Federal, na Praça Cívica, para poder andar de bicicleta e passava o domingo inteiro com a gente aqui. Ele era muito presente neste sentido, ele gostava de participar de reunião de colégio, por exemplo, ele tava lá. Tinha um monte de mãe na reunião e ele, pai, tava presente.

3. E do que você sente mais falta?

R: É difícil falar do que que a gente sente falta, ainda mais dele. Porque é o que eu falo, ele era muito participativo mesmo, em tudo. Mas eu sinto muita falta, quando às vezes, por exemplo, a gente tá triste e eu lembro direitinho que ele ficava deitado na cama, primeiro ele pedia benção toda noite. Você tinha que ir lá e dar um beijo nele antes de dormir. Você passava e, se não desse o beijo nele, nossa, ele ficava super chateado. E outra coisa é que sempre que eu tava triste ele me chamava para deitar com ele e ele dava conselhos interessantes. Ele lia muito, assistia muito filme, tinha referências e dava exemplos bacanas que me faziam levantar e pensar: “é, realmente, você tem razão”. Além de ser pai né, e falar que eu estamos sempre certas e que eu somos as pessoas mais lindas do mundo. Ele era um pai muito coruja, tudo que a gente fazia era lindo e maravilhoso. Ele era aquele pai que, eu e a minha irmã fizemos muito tempo de ballet e ele tinha aquelas câmeras gigantes que ele carregava no ombro e filmava duas horas de ballet. E aquele vídeo a gente nem assistia depois, mas ele fazia questão de filmar. Então ele era muito presente em tudo na nossa vida. Estudava com a gente, queria saber se tinha tirado nota boa etc.

4. Conta a história de como ele começou a fazer vídeos caseiros.

R: De uns anos pra cá ele ficou afastado da Prefeitura, porque ele tinha problema cardíaco já, aí ele ficou um tempo de licença médica e, nesse tempo, ele ficava o dia inteiro fazendo vídeo caseiro. Teve um natal que ele fez uma temporada de vídeo caseiro. Fazia vídeo vestido de papai noel, vídeo fingindo que estava bêbado...Fez vários vídeos para apresentar para família no natal. Ele ria dos vídeos dele que as vezes nem a gente mesmo achava engraçado, mas ele ria como se fosse o mais engraçado do mundo.

5. Sobre o Bello violero. Ele fazia sucesso mesmo?

R: Ele gostava muito de tocar violão. Nas rodas com os amigos, na família, era o amigo inseparável dele. E tem uma música que ele fala da vitrola que, nossa, era a música de sucesso dele. Todo mundo ria muito porque ele fazia várias vozes. Além da Minas Gerais que é Clássica.

6. Além das características de desenho, vídeos, violão. Tem mais alguma outra coisa do Bello que a gente não saiba?

R: Ele era uma pessoa muito generosa. Ele já vestiu de Papai Noel, por exemplo, para poder entregar presentes em locais carentes. Por ele ter aquela barriga, aquela barba, ele, a convite de uma vizinha que participava destes projetos, o chamou e, por vários anos seguidos, ele foi nestes locais carentes entregar presentes. Ele era muito emotivo e chorava com as crianças abraçando ele.

7. Como a família conseguiu lidar com uma morte tão imediata e inesperada?

R: Depois que ele se foi, foi muito difícil principalmente no primeiro ano, porque ele movia muito a família. Ele sempre chegava muito surpreendente, com brincadeiras. Principalmente no natal, a gente tem uma tradição de fazer uma oração e era ele que fazia esta reza. Então, no primeiro ano, foi absurdo mesmo.

8. Porque você escolheu este tema para monografia?

R: Eu escolhi este tema de trabalho, fazer um projeto sobre meu pai, porque ele construiu a imagem de Juiz de Fora através de cada charge que ele fez, diariamente, durante os vinte e cinco anos dele na Tribuna. E isso é um acervo gigantesco para a cidade. É quase que contando a história mesmo de Juiz de Fora. E eu achei que seria um projeto muito interessante, muito rico, para a cidade, para as pessoas que vivem na cidade e, principalmente, para todos que conviveram com ele e sentem essa saudade que a gente sente até hoje, depois de quatro anos, a gente ainda sente ele muito presente. Então, acho que isso tinha que ser registrado e foi por isso que resolvemos fazer este vídeo.

ENTREVISTA E:

Entrevista com JOÃO BATISTA

Amigo

Data: 15/12/2015, às 19h10min (duração: 15 minutos).

Entrevista realizada por Leandro Leiva.

1. Fale um pouco sobre como você e o Bello se conheceram, como era o relacionamento de vocês, esquecendo dele como chargista e só lembrando do Bellinho amigo.

R: Eu conheço o Bellinho desde 1960, quando eu vou para rua Padre Café e a Dona Rita já morava lá. Nós viemos de Valença e moramos na São Mateus durante três anos e meio e depois mudamos para a Padre Café. Aí a gente começa a relação, eu tenho uma diferença de dois anos para o Bellinho, eu era mais velho, e éramos muito amigos. Mas o Bellinho - Bellinho era uma pessoa muito espontânea, um mulecão espontâneo, magrelo, corria para todo o lado, e a gente era amigo de jogar bola na rua, de fazer corridinha pirulito, palito de

picolé né. Quando a Padre Café enchia a gente ia lá em cima e colocava o palitinho para ver qual chegava primeiro lá em baixo, essas coisas de infância que hoje essa menina não sabe o que é. Brincadeiras tipo jogar bolinha, brincar de finco no terreno baldio que tinha do lado, soltar papagaio, muita coisa legal.

2. E o relacionamento dele com o resto das pessoas, vizinhos do bairro, sempre foi uma pessoa lembrada?

R: Sempre foi muito amigo. Tinha uma menina muito grande na época e a gente conhecia todo mundo, citava quem morava em qual casa..Tínhamos como referência a “Turma da Padre Café”.

3. Com relação ao carnaval, a gente sabe que o Bello sempre foi uma pessoa festeira que gostava desta época do ano. Tem alguma passagem dele neste período que você lembra e que foi marcante?

R: Ele era completamente folião e a casa da Dona Rita era referência. O Bellinho bolava as fantasias, mas a pintura e concentração era no terreiro da Dona Rita. E tinha uma história anterior de Domésticas de Luxo que cresceu e depois começou um movimento só nosso ali da rua, a Palhaçagem, que foi crescendo também, e era muito legal, uma coisa espontânea. Durante dois anos nós saímos a convite da Prefeitura, para fazer abertura do carnaval e, no terceiro ano, eles resolvem oficializar o desfile da Palhaçagem e elegeram sr. Antero Tostes como presidente do bloco. Aí eu lembro que a gente desfilando, começamos ali na rodoviária antiga, na São Sebastião e fomos subimos. Quando chegou na frente do Fórum o sr. Antero ficou bravo dizendo que a gente ia ser desclassificado por causa do horário e o Bellinho não tava nem aí, disse para todo mundo voltar e nós voltamos correndo, foi uma verdadeira bagunça. E claro, fomos desclassificados.

4. Quando o Bello começou a ganhar uma certa visibilidade com o Jornalismo, publicando suas charges diárias na Tribuna, mudou alguma coisa no comportamento dele como amigo?

R: Não, inclusive sempre falei com todo mundo. Era o compromisso do Bellinho né. Não sei precisar quantos anos foram, hoje em dia você tem a facilidade da internet, mas o Bellinho, eu lembro, nunca tirou um dia de férias, a gente estava onde estivesse ele tinha preocupação de mandar (a charge) e mandava de correio, do que for. A gente fala, como é que pode? todo dia ele publicava a charge dele. E o histórico na minha visão quando começa, uma coisa pessoal, minha irmã quando ficou grávida e ela era casada com um professor, o João Shaffir, que o pessoal falava que ele era muito rápido para dar aula, ninguém conseguia acompanhar e o Bellinho era aluno dele. Aí o Bellinho vai e faz uma charge da minha irmã e o João Shaffir em um carro escrito Shaffittipaldi e, com isso, ele faz contato com o CAVE, que começa a funcionar na Padre Café e ele é chamado para trabalhar nas ilustrações das apostilas. E daí ele deslanchou. Ninguém sabe a real quantidade de charge que o Bellinho fez, não só de charge como de logotipo, layout e ele fazia de graça, não sabia explorar esse lado, não era um cara

que visava lucro. E tem a maior sacanagem que fizeram com o Bellinho foi uma charge que ele publica maravilhosa quando troca o Delfim com o João Sayad, ele fez uma charge que inverte um e outro e aquilo aparece no Jô Soares como uma coisa maravilhosa de autor desconhecido. Aquilo foi uma coisa que falamos com ele que ele tinha que mexer, que ele tinha direito daquilo e ele falava que não ia mexer nisso e acabou que ficou por isso mesmo, nunca correu atrás. Foi uma coisa que na época seria o estouro dele. Ele teve algumas oportunidades de sair e não quis, ele falava que o lugar dele era aqui em Juiz de Fora e não tinha ambição.

5. Sobre ele querer ficar em Juiz de Fora, como você enxerga o motivo que levou o Bello a escolher permanecer na cidade?

R: Raiz né. Ele era um cara que gostava daqui, se identificava e se realizava com as coisas que ele fazia aqui.

6. Quem era o Bello para você?

R: Era um amigo, parceiro de todas as horas, de dividi PF. A gente dormia no hotel e saía pra comer, mas não tínhamos dinheiro. Aí a gente rachava o prato e um comia o bife e o outro ovo, coisas de muleque mesmo. Amizade forte, foi meu padrinho de casamento e eu também fui padrinho dele. A gente tinha momentos de diferença, ele dizia que eu era egoísta porque eu gostava de segurar meus amigos comigo e ele era atencioso com todo mundo. Qualquer um que procurasse ele estava disposto a ajudar.

7. Ele também gostava muito de música não é? Qual a lembrança que você tem dele tocando?

R: A marca do Bellinho também era o violão né. Todo encontro tinha que ter o violão e o chapéuzinho dele. E na época de estudante, quando tinha festivais, ele sempre fez música para acompanhar os festivais da Academia, do Granbery. Eu lembro que tinha uma turma que fez uma banda com ele, chamada The Prints, e até foram para Ouro Preto tocar. Então outra característica dele era o lado musical muito apurado com eventos e músicas marcantes. Tem uma de Minas Gerais que foi até gravada que é muito muito boa. As músicas de carnaval, da Palhaçagem, era ele que compunha também. Ele tinha uma facilidade que com o ouvido ele pegava qualquer música. Ou seja, além da charge, o cara era um artista realmente, com a verdadeira expressão da palavra.

ENTREVISTA F:

Entrevista com JOSÉ RENATO PIPA.

Amigo.

Data: 15/12/2015, às 19h50min (duração: 10 minutos).

Entrevista realizada por Lais Bello.

1. A gente sabe que você foi a pessoa na qual o Bello se inspirou para começar a desenhos. Conta como foi isso.

R: O pessoal brinca né: ‘O Pipa é o muso inspirador do Bellinho’ e eu acho que era mesmo. Começou assim, um amigo meu me desenhava, eu era magrinho, tinha o apelido de minhoca e, quando mostrei para o Bellinho ele deitou e rolou. Fez muita coisa! Tinha uma história desenhada que ele fazia que chamava ‘As aventuras do Zé Pipa’, era uma série. Eu achava um barato, curti muito. Todo mundo gostava de ser desenhado por ele.

2. Como você era muito desenhado pelo Bello, as pessoas te reconheciam nestes traços?

R: Com certeza! No ônibus, por exemplo, às vezes me paravam e perguntavam se eu era o homem do desenho do Bello. E eu respondia que era eu mesmo. Eu achava um barato.

3. Como vocês se conheceram?

R: Eu conheci o Bellinho, como a turma toda da Padre Café, no início da década de 70, quando me mudei para a Padre Café. Eu tava com 16 para 17 anos e a gente formou a nossa turma que tá junta até hoje

4. Quando o Bellinho começou crescer profissionalmente e ter reconhecimento na cidade, ele mudou de atitude com os amigos?

R: O Bellinho era dono de uma simplicidade, uma simpatia e tanto. Se dava bem com todo mundo. Eu não me lembro de uma pessoa que não gostasse do Bellinho. Não tem! Da pessoa mais simples à pessoa de um nível maior. A atitude dele era a mesma com qualquer um. A gente tinha muito orgulho. Quando surgiu a charge dele do Delfim e João Sayad, eu estava morando no Rio e eu vi isso no fantástico. Eu pensei: ‘essa charge é do Bello?’. E a gente fica muito satisfeito, acha bacana

5. Você acha que o trabalho do Bello se encaixaria em outras cidades?

R: Qualquer jornal do país cabia o Bellinho. Juiz de Fora foi opção dele, ficar por aqui mesmo. Ele seguia uma máxima do José Luiz Ribeiro, diretor do grupo Divulgação, que dizia que é melhor você ser grande na sua cidade, ser reconhecido aqui e gostar daqui do que ficar batalhando lá fora sem a certeza de que vai dar certo. Mas ele tinha potencial para isso sim.

6. Bello também era ligado à música. Tem alguma história dele relacionado a este tema para contar?

R: Tem uma música do Bellinho, uma música bonita, um amigo nosso rodou todas as lojas de Juiz de Fora procurando a música achando que era do Guilherme Arantes. Aí ele perguntou pro Bellinho e quando ele respondeu que era dele, nosso amigo nem acreditava.

ENTREVISTA G:

Entrevista com MÁRIO TARCITANO.

Atual chargista do Jornal Tribuna de Minas.

Data: 11/01/2015, às 20h20min (duração: 20 minutos).

Entrevista realizada por Leandro Leiva.

- 1. Primeiro gostaríamos de saber se você já conhecia o Bello e já acompanhava o trabalho dele antes de ser convidado para ser o novo chargista do Jornal Tribuna de Minas.**

R: Eu sou de Volta Redonda, no estado do Rio, e eu vim para Juiz de Fora em 88. Lá em Volta Redonda eu já conhecia o Bello porque ele fez aquela charge, quando trocou o Ministro Delfim Neto pelo João Sayad, que era trocar seis por meia dúzia né. Virava de cabeça para baixo era João Sayad, virava de cabeça para cima era o Delfim. E aquela charge arreventou! Foi para o Jornal Nacional, Jornal da Globo e bombou. E eu conheço o Bello ali. Porque naquela época a comunicação não era tão simples como hoje, que a gente conhece as pessoas do país inteiro pelas redes sociais, pela internet tal. Naquela época era mais complicado. Mas aí eu conheço o Bello e depois, participando de salões de humor, eu vim participar de um salão em Juiz de Fora, quando o conheci pessoalmente. Tinha trabalhos meus e trabalhos deles expostos, aí conversamos na oportunidade. Depois, quando vim para Juiz de Fora, comecei a acompanhar diariamente as charges na Tribuna e encontrava com ele de vez enquanto. A gente não era amigos, mas éramos colegas de traço e conversávamos de vez enquanto. E eu sempre gostei muito do trabalho dele.

- 2. Como você ficou sabendo do falecimento do Bello e de que forma você foi convidado para homenageá-lo no jornal no dia posterior à morte?**

R: Eu fiquei sabendo poucas horas depois porque quando o pessoal da redação ficou sabendo, foi um choque. Eles pensaram em fazer uma homenagem, uma página, e o rapaz do caderno dois que foi designado para fazer a matéria foi pegar opinião de cartunistas e chargistas que trabalhavam na cidade. Foi quando ele ligou para mim umas três horas da tarde e disse: “Mário, você ficou sabendo que o Bello morreu?” e, foi um baque. Falei que não tinha ficado sabendo e ele me perguntou se eu faria uma charge para homenageá-lo. Eu perguntei para que horas e ele disse que para as seis da tarde. E eu disse que fazia. Aí eu pensei na charge, fiz a charge e eles gostaram, publicaram em uma página falando dele com várias charges dele e uma charge minha como homenagem. Achei legal, porque apesar da gente não ser amigos, era um cara que eu admirava não só como pessoa porque era um cara expansivo, bem diferente de mim, ele falava alto e até isso eu tenho admiração. E o traço dele que era fantástico. Um cara que ficou vinte e cinco anos fazendo charges para um jornal não é para qualquer um não.

- 3. Posterior a isso você conseguiu sua cadeira cativa no jornal. Como foi esse egresso?**

R: Dois dias depois desta página publicada o PC, Paulo César, Editor Geral do Tribuna, me ligou agradecendo a charge e disse que não sabia ainda o que ia fazer com o espaço porque foi um choque muito grande né, se ia fechar o espaço, não ter mais chargista ou não. Mas me

perguntou que, se caso eles resolvessem continuar, se eu tinha interesse em participar de uma seleção, uma avaliação, porque não é fácil fazer uma charge todo dia. Você fazer uma charge aqui, outra ali vai, mas todo dia. Aí eles fizeram reuniões e decidiram que iam manter o espaço, ia manter a charge. E me perguntaram se eu participaria do processo e eu topei. Comecei a mandar charges para ele diariamente para testar o fôlego, provavelmente, e no final, eu fui escolhido.

4. Você percebeu algum tipo de comparação do seu trabalho com o trabalho do Bello?

R: Não. Apesar de ser a mesma atividade, são traços diferentes, a ideia, a forma como ele se estruturou socialmente foi diferente da minha, somos de estados diferentes, a forma de pensar é diferente. Tudo muda. E eu não tive essa comparação por parte do jornal, mas eu acho engraçado, nas redes sociais, quando às vezes eu faço uma charge que gera polêmica e que alguém não gosta, eles querem me agredir, achando que estão me agredindo, eles comentam: “que saudades do Bello” e acham que estão me agredindo falando isso, mas eu acho que é uma homenagem porque falta do Bello todo mundo vai sentir sempre.

5. Sobre o papel do chargista, você acha que a função deste profissional realmente é levar a informação aliada ao humor? Como você vê o trabalho do chargista de uma forma geral.

R: O nome charge em Francês é de carga. Então às vezes você tem que deixar o humor de lado e dar uma pancada mesmo. Mas é legal usar o humor, porque o humor é do dia-a-dia do brasileiro né. O brasileiro lida com o humor o dia inteiro. E isso é bom para aliviar algumas tensões, mas se o brasileiro levassem as coisas menos na brincadeira a gente teria melhores resultados em vários campos né. Então, no caso do chargista, ele utiliza do humor para criticar, para denunciar.

6. Para ser chargista o profissional tem que ser um pouco humorista?

R: Eu conheço várias pessoas que são muito engraçadas, tem um humor super afiado, mas não são chargistas né. E até eu mesmo, eu não sou muito engraçado. Sou um cara que se pegar uma roda com um monte de gente eu fico apagado, não sou nada engraçado. Mas eu acho que no ofício você acaba exercitando aquilo e conseguindo resultado, porque a minha graça é pensada, então requer um outro tipo de humor. Tem gente que tem humor instantâneo, você fala uma coisa e o cara já rebate engraçado. No meu caso não é, eu tenho que pensar.

7. O que você acha que a charge tem que ter de característica para ela obter sucesso?

R: O humor é importantíssimo. Acho que se uma charge for engraçada ela já sai na frente de uma outra que não tem tanta graça. Acho que o humor é uma característica que pega o brasileiro e trás para seu lado. E o assunto é um assunto que tem que está sendo falado. Esteja realmente na boca do povo, se não você faz uma charge com uma analogia de assunto que ninguém tá sabendo, você não vai conseguir a comunicação. Você pega por exemplo aquela música do Michel Teló que massificou e tem que pegar. Tem que usar o que o povo tá falando para poder o povo te entender.

8. Você acha então que a charge é um meio direto e eficaz de comunicação?

R: Eu acho. É aquela história de que uma imagem vale mais que mil palavras. É um pouco clichê, mas funciona porque a comunicação é imediata. Você pode até ter um balãozinho ou outro na charge, mas você lê ali meia dúzia de palavras e com a imagem você forma um conceito e você passa uma ideia, uma mensagem ali naquele espaço. Então é uma forma bem direta de comunicação e é eficaz sim.

9. O chargista é um formador de opinião?

R: Não que seja formador, mas por colocar a opinião dele de uma forma geralmente engraçada é um atrativo. Ele pode seduzir através do humor, através da brincadeira e pegar aquelas pessoas simpáticas à aquela opinião e fazerem elas ficarem mais atentas e prestarem mais atenção.

ENTREVISTA H|:

Entrevista com PAULO CÉSAR MAGELLA.

Editor do Jornal Tribuna de Minas

Data: 11/01/2015, às 21h00min (duração:30 minutos).

Entrevista realizada por Leandro Leiva.

1. Nestes 25 anos de convivência diária, o que você pode dizer sobre o Bello, tanto quanto profissional como pessoal?

R: O jornal tem algumas características interessantes, porque a gente tem uma convivência diária com determinadas pessoas. Passamos mais tempo com elas, do que nas nossas próprias casas. Mas com o Bello era uma relação diferente em termos de convivência diária porque o Bello era um chargista atípico. Primeiro que ele acordava de madrugada, ia fazer o almoço e ia produzindo a charge. Muitas vezes chegava na Prefeitura 6hrs, 6:30hrs, quando não tinha ninguém ainda e ele já desenhava o material do dia seguinte, porque já estava de posse de alguns jornais. E mandava para gente durante o dia. O que o caracterizava, primeiro, era a generosidade dele. Muitas vezes eu ligava pra ele e dizia que alguma charge estava fora do contexto. Ele berrava, mas daqui a pouco chegava uma nova charge lá. Eu já vi algumas pessoas rápidas na produção do trabalho, mas igual a ele eu nunca vi. Porque ele pensava rápido e produzia rápido. A imagem que a gente tem do artista é aquela imagem lúdica, que às vezes ele vai produzindo enquanto se inspira. O Bello era rápido. Desenhava rapidíssimo. Então eu nunca tive problema no *deadline* do jornal por causa da charge. E, essa generosidade, ele nunca se recusou a nada. A palavra “não” não existia no dicionário. Este advérbio ele dispensou cedo. Então este era um Bello que eu convivía diariamente, porque o contato era comigo por eu ser o editor do jornal e porque eu mexia na página de opinião também. Eu conheço o Bello desde de Lais e Nicolle pequeninhas, então o resultado disso é que vimos nossas filhas crescerem juntas. São quatro meninas, duas dele e duas minhas. E,

com isso, nós tínhamos muita proximidade de discutir intimidades e problemas, buscar soluções, angústias. Porque nós, jornalistas, temos uma vida muito angustiante por querer mexer no mundo e mudá-lo, mas nem sempre a gente consegue. E a charge tem uma linguagem especial porque em um traço, às vezes, ele muda contextos. Quantas vezes eu vi pessoas falando que o Bello tinha “detonado”. Não é que ele tinha “detonado”, ele tinha “denunciado”. E, ao mesmo tempo, as vezes você não precisa escrever nada para poder verbalizar o que está acontecendo. E através da charge ele fazia isso. Eu ainda brincava que eu escrevia um editorial inteiro e ele com a charge falou mais do que eu. E o Bello, homem, nessa mescla toda, era meu colega de botequim. A nossa convivência era assim, nunca tivemos nenhum problema. A temperatura nunca mudou na nossa relação. Sempre dentro da cordialidade, do profissionalismo, mas acima de tudo, dentro da amizade.

2. Como foi para o jornal a notícia do falecimento do Bello?

R: Quando a gente ficou sabendo que o Bello passou mal ali no bar do Cascatinha e morreu no hospital foi uma tragédia. A gente não pode imaginar uma pessoa morrer na idade que ele morreu, é injusto, mas a facticidade é uma coisa que faz parte das nossas vidas e nós não escolhemos. Mas quando o Bellinho perdeu a vida ele apenas mudou de lado porque ele não perdeu a história e nem a sua presença no nosso dia-a-dia. Bello era muito jovem, tinha 55. A ficha custou a cair, tanto é que passamos um longo tempo repetindo as charges do Bello. E ficou uma pergunta: “E agora José?” Porque não víamos no horizonte ninguém com as características do Bello, capazes de justificar como é que o jornal funcionava, o modo de pensar do jornal. Este detalhe é importante, a linha editorial do jornal batia com o que o Bello sentia. E levamos um bom tempo até que encontramos o Mário, que é um bom seguidor, mas de outro modo. O Bello é único.

3. O que significou a arte do Bello perante à sociedade?

R: O Bello é um traço singular. Um traço forte, objetivo e incisivo ao mesmo tempo. Ele tem umas características muito interessantes como, por exemplo, eu acho que ninguém caracterizou o prefeito Tarcísio Delgado como o Bello. Várias tentativas, já vi vários ensaios, mas não consegui ver isso em outra pessoa. E, ao mesmo tempo, a facilidade que ele tinha de verbalizar, com humor, até situações problemáticas. Porque a charge dele, com aquele traço forte e marcante era resultado de muita leitura, mas, principalmente, de uma sensibilidade perante as coisas da cidade. Bello amava Juiz de Fora. Então não fale mais de Juiz de Fora perto dele que ele reagia imediatamente. E, o mundo do poder, quando estava fazendo mal para a cidade dele, ele explicitava isso através de seu traço.

4. A arte dele mudou o conceito de cultura em Juiz de Fora?

R: A arte dele com certeza mudou o conceito de cultura em Juiz de Fora. Até porque nós não tínhamos esses traços nos jornais. Bello teve um *gap* entre algumas pessoas que produziram charges e ele que entrou em 25 anos conseguindo verbalizar, através de sua pena, todo o sentimento de indignação dos que não podia ser ouvidos e, ao mesmo tempo, advertindo os poderosos.

5. Qual trabalho mais marcante do Bello para você?

R: O trabalho mais marcante era todo dia. Porque foram 25 anos, são centenas, milhares de charges. Mesmo porque ele fazia outros trabalhos com a gente, situações de fazer artes sobre

determinados temas, ele fazia. E, eu repito, fazia rapidamente. A facilidade dele de captar, a compreensão dele era muito rápida do fenômeno. E, por consequência, *deadline* para ele nunca foi problema, mas o que é mais importante não era o problema do tempo. É a facilidade com que ele tinha para decodificar os fatos.

6. O trabalho dele era fácil de ser entendido?

R: A compreensão dele vinha muito rápido. Você via e imediatamente já assumia aquilo. Engraçado porque o fenômeno do conhecimento tem alguns detalhes interessantes porque é o homem e suas circunstâncias. Se você for fazer algumas interpretações, você pode ver um determinado fato de acordo com seu viés psicológico, histórico e de acordo com seu ser. Mas, o Bello, havia uma certa unanimidade. Não havia dissenso. Havia sempre consenso e as pessoas na maioria das vezes entendiam de uma maneira quase única.

7. A charge do Bello, muitas vezes afiada, refletia no jornal?

R: O jornal sentia os reflexos destas charges do Bello sim. Mas isso é que faz o jornal ser importante, porque quando um dos seus personagens, seja no texto, na foto ou na charge repercutem sobretudo nas instâncias de poder e elas ficam incomodadas, é sinal que nós estamos cumprindo nosso papel. E ele fazia isso sistematicamente. Mas as mesmas pessoas que ficavam irritadas com o Bello, amavam o Bello. É um negócio meio paradoxal, porque eles viam que o Bello era uma voz da cidade, não era o chargista se afirmando, ele não falava por ele, ele falava por muita gente, sobretudo por todos nós. Era um protesto coletivo.

8. Você acredita que o Bello teria talento e gabarito para trabalhar em qualquer jornal do país?

R: Se ele tivesse hoje este espaço que as redes sociais permitem e todas as ferramentas que a internet propicia, o Bello estaria hoje conhecido internacionalmente.

APÊNDICE II – IMAGENS DO CHARGISTA BELLO

A – Última charge de Bello publicada. (Fonte: Jornal Tribuna de Minas, 10 de junho de 2011, página 2).



B – Bello fez piada em relação a seu medo de barata (Fonte: Acervo da família)



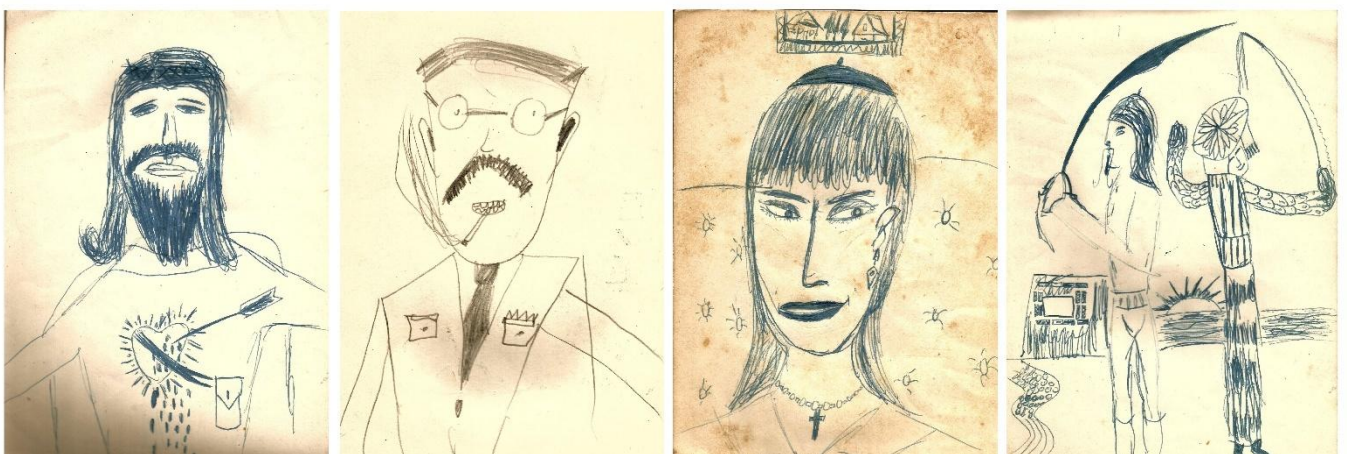
C- Charge premiada na II Feira de Humor de Juiz de Fora (Fonte: Acervo da família)



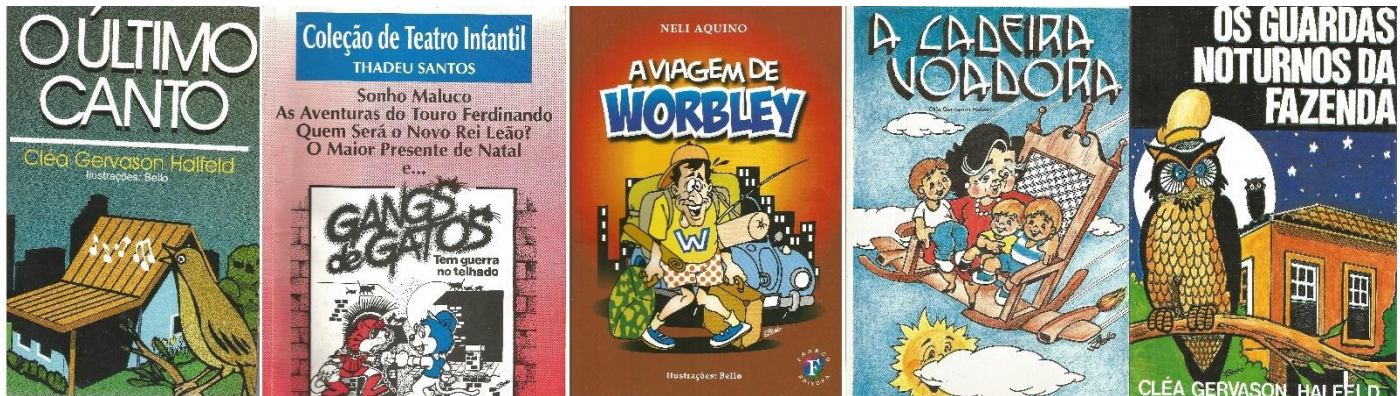
D – Algumas charges onde o Ex-prefeito Tarcísio Delgado aparece como caricaturado. (Fonte: Acervo da família)



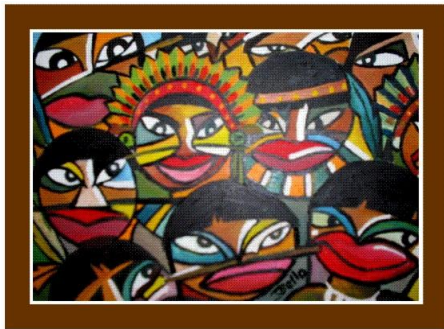
E- Desenhos de Bello quando criança (Fonte: Acervo da Família)



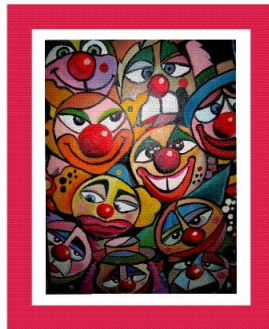
F – Algumas capas de livros ilustradas por Bello (Fonte: Acervo da Família)



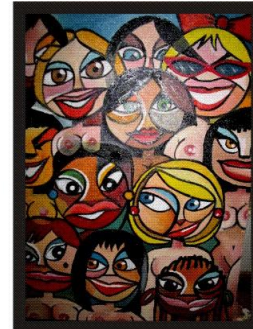
G - Alguns quadros pintados por Bello (Fonte: Acervo da família)



Indígenas.



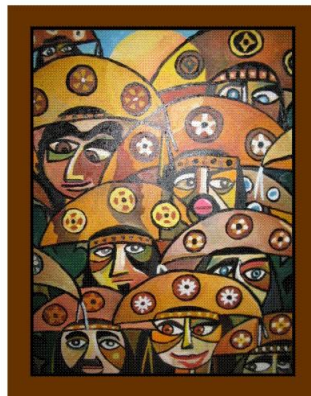
Pagliaccios



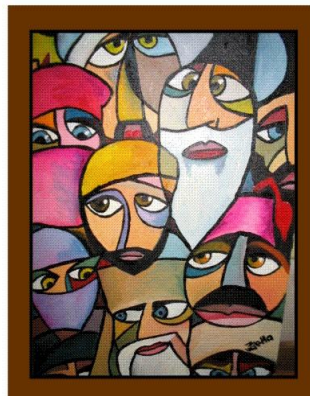
Mundanas



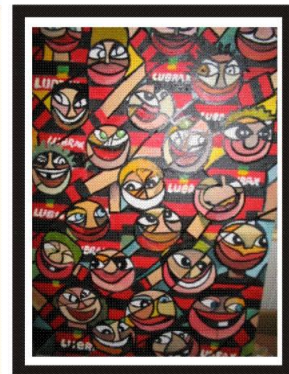
Negritude



Cangaço



Muçulmanos



Falegria

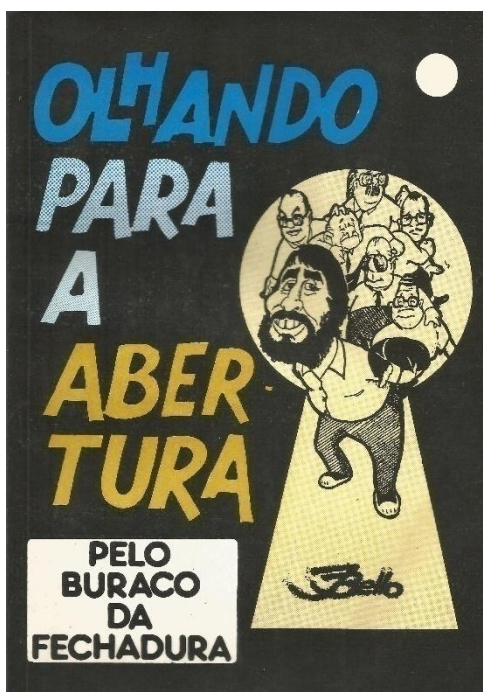
H – Alguma das homenagens e certificados recebidos pelo chargista (Fonte: Acervo da família)



I – Charge de Mário Tarcitano em Homenagem a Bello (Fonte: Jornal Tribuna de Minas, 10 de junho de 2011, página 2).



J – Livro publicado por Bello em 1984.(Fonte: Acervo da família)



K – Bello tocando violão. (Fonte: Acervo da família)



L – Convite de casamento de Bello e Eliana. (Fonte: Acervo da família)



M – Caricatura de Bello feito por outros artistas. (Fonte: Acervo da família)



M – Caricaturas de algumas personalidades de Juiz de Fora. (Fonte: Acervo da família)



N – Algumas charges produzidas por Bello. (Fonte: Acervo da família)



**APÊNDICE III–SAMBA ENREDO BLOCO DO BECO 2012 EM HOMENAGEM AO
CHARGISTA BELLO.**

Olha pro céu
Veja lá nas alturas
Um ser de luz brilhou
É Belo, porque sempre será
A luz que ilumina
A arte e a cultura popular

} BIS

O Beco canta prá não chorar
Tristeza, hoje não dá pra lembrar
Sempre de bem com a vida
Levando na brincadeira
Sua fiel companheira

Aumenta o bigode dele
Puxa o cabelo prá cá
O Beco é Bello e Belo sempre será

} BIS